



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Faculdade de Administração e Finanças

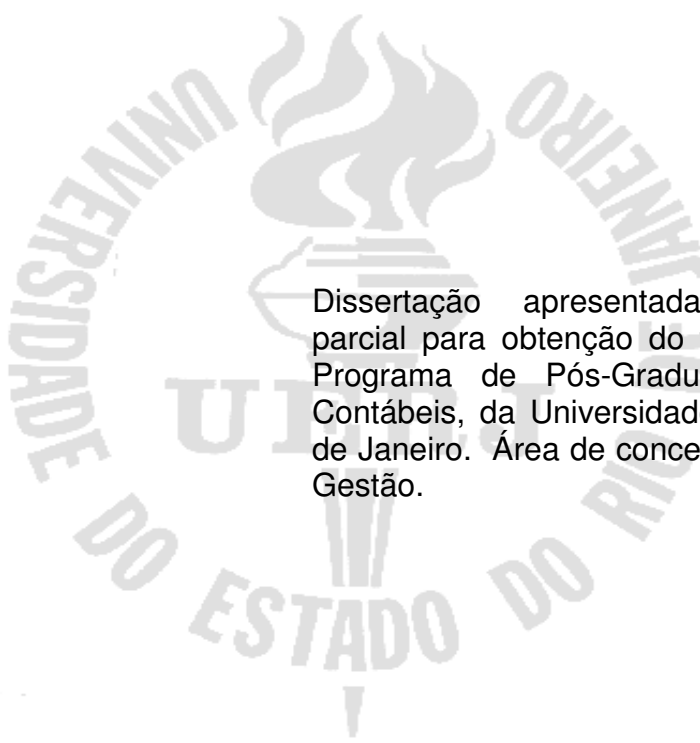
Maria Auxiliadora da Silva

Percepção sobre a disciplina “Prática Contábil” no curso de graduação em Ciências Contábeis: um estudo de caso com discentes de uma IFES

Rio de Janeiro
2010

Maria Auxiliadora da Silva

Percepção sobre a disciplina “Prática Contábil” no curso de graduação em Ciências Contábeis: um estudo de caso com discentes de uma IFES



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Controle de Gestão.

Orientador: Prof. Dr. Frederico A. de Carvalho

Rio de Janeiro
2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCS/B

S586	<p>Silva, Maria Auxiliadora da Percepção sobre a disciplina “Prática Contábil” no curso de graduação em Ciências Contábeis: um estudo de caso com discentes de uma IFES / Maria Auxiliadora Silva. – 2010. 101f.</p> <p>Orientador: Frederico A. de Carvalho. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Finanças.</p> <p>1.Contabilidade - Estudo e ensino (Superior) - Teses. I. Carvalho, Frederico A. de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Ciências Econômicas. III. Título.</p> <p>CDU 657:378</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Maria Auxiliadora da Silva

Percepção sobre a disciplina “Prática Contábil” no curso de graduação em Ciências Contábeis: um estudo de caso com discentes de uma IFES

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Controle de Gestão.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Frederico A. de Carvalho (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcelino José Jorge
Fundação Fiocruz

Prof. Dr. Francisco José dos Santos Alves
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro
2010

EPIGRAFE

**“Ouço, esqueço; leio, recordo; faço, aprendo.”
Confúcio**

DEDICATÓRIA

À minha mãe e ao meu pai (in memorian), pelos exemplos de vida deixados, que me impulsionam a caminhar.

Ao meu filho, pelo carinho, pela amizade e pelo apoio.

Às minhas irmãs, pelo cuidado e carinho especial e aos meus irmãos que sempre estão ao meu lado seja em pensamentos, orações, ou fisicamente.

A pequenina Ana Carolina Carvalho Lopes Serrano, por despertar em mim a paixão por defender uma educação de qualidade para todos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter me dado saúde, força e coragem para vencer mais este desafio, e por dispor tantas pessoas maravilhosas no meu caminho.

Ao meu filho, que sempre me estimulou, dando força, coragem e soube compreender minha ausência.

Ao Professor Doutor Frederico Antonio de Azevedo Carvalho, meu orientador, amigo que tão bem me acolheu no Rio de Janeiro, pela simplicidade, pelo estímulo, e por acreditar na realização deste trabalho, a minha estrela na escuridão.

Aos professores Dr. Marcelino José Jorge (Fundação Fiocruz) e Dr. Francisco José dos Santos Alves (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) por integrarem a Banca Avaliativa deste estudo e pelas valiosas sugestões.

Aos Professores Doutores Maria Goreti de Almeida Oliveira, José Roberto Reis, Luiz Antonio Abrantes, Afonso Augusto Teixeira de Freitas de C. Lima, Djair Cesário de Araújo, Walmer Faroni, pelo incentivo à carreira acadêmica.

Aos mestres Luiz Limeira Dinoá e Francisco Simonini da Silva, pela confiança e pelo incentivo, desde que participei da seleção para o curso de mestrado.

À Mestre Climene Maria Lopes Serrano e ao seu esposo Laudo de Campos Serrano Neto, pela amizade, pelo carinho, pelas valiosas sugestões no desenvolvimento desta pesquisa, desde a fase inicial do projeto, e por me encorajarem na concretização do meu sonho.

Aos funcionários do escritório de contabilidade, a quem, com certeza, posso chamar de “amigos de trabalho”, pela disposição em me assessorar sempre.

Ao amigo Pedro Alves Paiva, que se prontificou a ler esta dissertação, contribuindo com críticas e comentários de muita pertinência e profundidade.

Aos amigos Damião Cosme Tavares e Luiz Sergio de Moraes, pela solidariedade e por dedicar boa parte do seu tempo à colaboração para a efetivação deste estudo.

Ao contador Braz Rozado Costa (extensivo a sua esposa), que me proporcionou, pela primeira vez, a oportunidade de trabalhar em seu escritório como auxiliar de contabilidade.

À Coordenação do Mestrado, nas pessoas dos professores Dr. Josir Simeone Gomes, Dr. Lino Martins, e aos professores do Mestrado em Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por sua dedicação e disseminação da importância do trabalho acadêmico, em especial, ao Prof. Dr. Frederico Antonio de Azevedo Carvalho; ao Prof. L.D. Julio Sergio Cardozo e ao Prof. L.D. Lino Martins da Silva, pessoas a quem presto grande respeito e admiração.

Não poderia deixar de citar a tão aconchegante recepção de todos os funcionários da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Mestrado em Ciências Contábeis, nos setores em que necessitei de algum serviço. Gostaria de registrar o incansável apoio do pessoal da secretaria e da biblioteca do mestrado e da FAF, e agradecer pela admirável simpatia e disposição em ajudar.

A minha turma de 2008, que, com muito companheirismo, sacrifício e alegria, venceu mais uma batalha em busca do conhecimento, e me proporcionou a realização de um sonho. Neste convívio, estiveram, sempre prestativos, sobretudo, Mary Wanyza, minha amiga irmã do coração; Carlos, Ericson e Luiz Paulo, amigos e companheiros, pela força que me deram nos momentos difíceis desta caminhada; Adriane, pelo companheirismo e pelas alegrias, Polyana e Edilma “parceiras” dos momentos de jovialidade; Márcio pelo carinho; Mauro, Julio, Walter, José Miguel, Reginaldo, Ailson e Ângela, pelos conhecimentos compartilhados.

Não poderia esquecer de agradecer ao Sr. Antonio do Carmo da Silva (in memoriam) e sua filha Mônica dos Santos da Silva a acolhida na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro.

RESUMO

SILVA, Maria Auxiliadora da. *Percepção sobre a disciplina “prática contábil” no curso de graduação em ciências contábeis: um estudo de caso com discentes de uma IFES*. 101f. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências Contábeis) – Faculdade de Administração e Finanças, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

O objetivo desta pesquisa exploratória é analisar, sob a ótica da pedagogia experiencial, a disciplina Prática Contábil, inserida na matriz curricular dos cursos de graduação em Ciências Contábeis. Utilizando o método do estudo de caso, são destacados e, ou criticados aspectos pertinentes à educação contábil. Ressalta-se, na abordagem experiencial, a potencialidade motivacional e a capacidade de estimular o senso crítico. Destacam-se, ainda, consequências para a profissionalização. Através da aplicação ao caso selecionado, investiga-se a percepção sobre o “laboratório de contabilidade” no curso de graduação em Ciências Contábeis, oferecido por uma IFES brasileira. Focalizam-se, finalmente, o papel dos docentes da Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), os principais agentes de mudança para a melhoria do processo ensino-aprendizagem da Contabilidade. A partir da revisão bibliográfica foi elaborado um roteiro semi-estruturado abordando diversas questões sobre o tema, depois utilizado para a coleta de dados nas entrevistas. As respostas e reações ao roteiro foram utilizadas para relatar e analisar os resultados da entrevistas. São propostas quatro hipóteses para pesquisa futura, justificadas pela evidência coletada através do caso.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia experiencial. Laboratório de Contabilidade. Ensino da Contabilidade. Profissionalização.

ABSTRACT

This explorative research aimed to analyze, under the experiential pedagogic view, the Practical Accounting class, which is found in the curricula of the undergraduate courses of Accounting Sciences. Aspects pertinent to the accounting education are highlighted and/or criticized by using study case methods. The motivational potentiality and the ability to stimulate criticism are emphasized in the experiential approach. Consequences for professionalization are also pointed out. By applying this methodology on the selected case, the perception on the “accounting laboratory” in the undergraduate course of Accounting Sciences offered by a Brazilian IFES is investigated. The role of the Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) faculty, the main agents responsible for the improvement of the teaching-learning process in Accounting, is finally focused. By means of a bibliographic review, a semi-structured guide including several questions on the theme was prepared. This guide was later used for the collection of data during the interviews. The answers and reaction to this guide were used to report and analyze the results of the interviews. Four hypotheses for future research, justified by evidence collected from the case, are proposed.

KEYWORDS: Experiential pedagogy. Accounting Laboratory. Accounting Education. Professionalization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fundamentos da Elaboração do Roteiro de Pesquisa..... 42

Quadro 2 – Síntese dos Resultados..... 63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CES – Câmara de Educação Superior

CEPE – Conselho de Ensino e Pesquisa e Extensão

CFE – Conselho Federal de Educação

CNE – Conselho Nacional de Educação

CNPJ – Cadastro Nacional das Pessoas Jurídicas

FEARP/USP – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto/ Universidade de São Paulo

FGTS – Fundo de garantia por tempo serviço

FUCAPE – Fundação Capixaba de Pesquisa em Administração, Contabilidade e Economia

ICT – Instituição de Ciências e Tecnologia

IES – Instituição de Ensino superior

IFES – Instituição Federal de Ensino Superior

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

MEC – Ministério da Educação

MASTERMAQ – Programa de Software

SIMPLES – Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte.

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e as Culturas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema da pesquisa	14
1.2 Objetivo da pesquisa	14
1.3 Delimitação	14
1.4 Relevância do tema	14
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	16
2.1 O curso de ciências contábeis	17
2.2 A escola e a formação do docente de Ciências Contábeis	19
2.3 Teorias da aprendizagem – ensino tradicional x processo ativo	23
2.4 O ensino em contabilidade	26
2.5 Conteúdo.....	28
2.6 O papel dos métodos de ensino.....	29
2.6.1 O método do estudo de caso	31
2.6.2 O método de jogos de empresas	34
2.6.3 Do laboratório de contabilidade à disciplina prática contábil	36
3 METODOLOGIA.....	38
3.1. Justificativa da escolha do método	39
3.2. Coleta de dados.....	40
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	46
4.1. Breve Histórico da IFES e do seu Curso de Ciência Contábeis	46
4.2 Resultado das entrevistas	50
5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	68
REFERÊNCIAS.....	71
APENDICE B	81
ANEXO I	84

INTRODUÇÃO

O grande desafio da educação contábil é adequar seus egressos à demanda da realidade econômica, demonstrando responsabilidade e competência profissional. No Brasil, o ensino superior na área de Ciências Contábeis tem passado por mudanças e reformas, voltadas, especialmente, à formação profissional. A meta é formar contadores capazes de compreender e enfrentar os desafios contemporâneos e encontrar novas metodologias para o ensino superior de Contabilidade. Ao mesmo tempo, busca-se aperfeiçoar o gerenciamento do ensino, de forma a tornar a práxis contábil uma referência para o ensino da Contabilidade.

Conforme deve ocorrer com as disciplinas majoritárias de outros cursos universitários, na matriz curricular do curso de Ciências Contábeis oferecido por uma IFES, é possível identificar algumas características específicas da disciplina Prática Contábil, assim como características comportamentais dos discentes e seus resultados avaliativos.

Esses aspectos suscitaram o interesse em analisar a referida disciplina, almejando, em última análise, aperfeiçoá-la e adequá-la às necessidades do profissional que o curso propõe formar.

De acordo com Rollo e Pereira (2003, p. 52), o curso de Ciências Contábeis deve ter por objetivo a formação de profissionais competentes, não só capazes de executar o registro e o processamento das informações contábeis e financeiras em uma organização, como também de processar e de analisar informações relacionadas às decisões estratégicas, visando orientar a organização na busca de eficiência e eficácia em sua gestão.

Estudos desenvolvidos por Marion (1998) destacam que a relação de aprendizagem entre o saber documental e o saber experimental, característica da disciplina Prática Contábil, pode proporcionar aos discentes capacidade de reflexão quanto à prática como complemento do conhecimento lógico-teórico, imprescindível na formação acadêmica. Com base no ciclo Ação – Reflexão – Ação, pretende-se formar e conduzir o estudante ao desenvolvimento da competência profissional.

O problema da qualidade de ensino de Contabilidade é antigo e sempre esteve associado, de forma determinante, ao papel e à atuação do professor. A

melhora na qualidade de ensino não depende somente de mudanças curriculares e administrativas nas instituições de ensino superior, mas, principalmente, da seriedade, da dedicação e do compromisso assumidos pelos professores e traduzidos na capacidade de formar bons profissionais, tanto quanto de informá-los sobre os conteúdos técnicos (NOSSA, 1999).

Para Silva (2001), a boa prática pedagógica reconhece que o conhecimento é personalizado, tal como afirmam as teorias construtivistas, e que a realidade é dinâmica. Por isso, o ensino da Contabilidade deve, tanto quanto possível, ser também personalizado, estimulando o aluno a utilizar sua capacidade de reflexão de modo permanente. O ensino precisa ser visto como convite à exploração e à descoberta, e não apenas como transmissão unilateral de informações e de técnicas.

Além da docência, outros recursos educacionais, tais como os microcomputadores e os ambientes especializados para estudo, têm sido alvo de interesse por parte de pesquisadores, especialmente no sentido de avaliar a importância desses fatores para a personalização do ensino e o desempenho dos alunos.

Um desses recursos, o chamado Laboratório de Contabilidade, propicia aos acadêmicos a possibilidade de associar a teoria às práticas do mercado de trabalho por meio da orientação de professores experientes que utilizam ferramentas modernas e diversificadas. Somam-se às inovações os programas especialmente desenvolvidos para a área, a utilização de estudos de casos atualizados e relacionados com o contexto regional, a literatura atualizada e os sistemas informatizados que possibilitam consultas e simulações sobre questões contábeis e organizacionais.

Foi desse contexto que se originou a questão a ser investigada nesta dissertação: qual a percepção do educando sobre o papel da abordagem experiencial, da docência e de outros recursos educacionais, tais como os equipamentos e ambientes especializados para estudo, no caso dos cursos de graduação em Contabilidade no Brasil?

Para responder a essa pergunta, desenvolveu-se a análise do caso da disciplina “Prática Contábil”, inserida na matriz curricular do curso de Ciências Contábeis, sendo o alvo da pesquisa ministrado por uma IFES, onde se investigou, também, outros recursos educacionais e as condições físicas do laboratório.

1.1 Problema da pesquisa

Identificar a percepção dos educandos acerca de algumas características específicas da disciplina Prática Contábil, parte integrante da matriz curricular do curso de Ciências Contábeis oferecido em uma IFES.

1.2 Objetivo da pesquisa

Analisar, segundo percepção discente, a disciplina “Prática Contábil”, conforme consta na matriz curricular do curso de graduação em Ciências Contábeis, determinar os benefícios da pedagogia experiencial e identificar o papel dos docentes e dos recursos educacionais, ressaltando-se o caso de uma IFES e almejando, em última análise, aperfeiçoá-la e adequá-la às necessidades do profissional que o curso propõe formar.

1.3 Delimitação

Serão analisadas somente características e particularidades da disciplina Prática Contábil, a partir da percepção dos alunos regularmente matriculados no curso da referida IFES, no segundo semestre de 2007. Não serão feitas referências a conceitos relacionados à grade curricular, ao projeto pedagógico de curso ou aos indicadores de avaliação de desempenho. O foco na pedagogia experiencial estará limitado aos aspectos previamente identificados no caso da disciplina investigada.

1.4 Relevância do tema

O ensino superior no Brasil teve grande expansão nas décadas de 60 e 70. Nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, não foi diferente: em dez anos (de 1986 a 1996) o número de cursos aumentou em 98%. No entanto, vários trabalhos mostram a deficiência existente na formação do contabilista, principalmente

relacionadas à qualificação dos professores. Franco (1993) e Ludícibus e Marion (1986) apontaram a falta de investimento das instituições como uma das causas do despreparo dos docentes.

Além disso, considerando-se que a educação deva preparar o aluno para possíveis descobertas e experimentações, deve desenvolver sua personalidade, deve, enfim, ajudá-lo a ser crítico, criativo e investigativo. Nossa (1999) sustenta que é necessário fazer funcionar uma infraestrutura adequada, implantar um currículo compatível e, principalmente, recrutar um corpo docente capaz de contribuir com essa formação.

Nesta dissertação, aspira-se analisar uma abordagem pedagógica que estimule o estudante a pensar e a agir reflexivamente e que, além disso, estimule a inovação e a criatividade, facilitando uma postura voltada à investigação de soluções e fortalecendo o pensamento crítico. Professores e profissionais da área contábil carecem desta contribuição compilada neste estudo.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

A necessidade de contadores mais bem preparados, aptos a atuar em mercados globalizados, nos quais há preocupação com a correta aplicação e harmonização de normas contábeis, é emergente nos dias atuais, por contribuir para ampliação e organização do desenvolvimento econômico. O ensino superior de Contabilidade tornou-se uma preocupação mundial, o que se verifica não só pelas razões mencionadas, mas também pelo fato de o mercado de trabalho estar cada vez mais exigente, à procura de profissionais com perfis ecléticos, que sejam criativos, produtivos, possuidores de conhecimentos específicos, dotados de uma formação cultural sólida e contínua e que detenham fluência em outros idiomas.

Em razão da evolução social e política da sociedade, e das frequentes oscilações econômicas que vêm ocorrendo, é crescente a necessidade de o estudante de Ciências Contábeis manter-se atento às novas oportunidades, que lhe exigirão novas posturas, habilidades e competências (SOUZA e ORTIZ, p. 149, 2006). Os referidos autores afirmam crescimento da importância do profissional de Contabilidade, que, com base nos dados planejados e realizados na empresa, sem dúvida torna-se um parceiro importante nas decisões gerenciais.

O conhecimento da técnica contábil é um fator essencial para o exercício eficaz da profissão de contador. No entanto, é necessário também conhecer a interdependência da ciência contábil com outras ciências, por meio de visão sistêmica do inter-relacionamento com outras áreas de conhecimento. Costa (2003) considera que o conhecimento do homem absolutamente independente parece não existir, pois as ciências ligam-se umas às outras, com maior ou menor intensidade, de modo que o individual cede lugar ao coletivo e interpessoal.

O campo do conhecimento ligado à área contábil vem sofrendo evoluções ao longo da história tanto na forma de desenvolver suas tarefas, quanto no aprofundamento de novos olhares para o conhecimento envolvido, principalmente no que se refere à interface com outras áreas afins.

São muitos os fatos que têm conduzido às necessidades de aperfeiçoamento, mudanças e adaptações na forma de execução e utilização da contabilidade no Brasil, demandando novas reflexões no campo da pesquisa e do ensino.

Conseqüentemente, tudo isso precisa refletir-se na forma de lidar com a educação contábil, e, para o desenvolvimento do exercício da docência nesse novo ambiente, é primordial conhecer essa nova realidade.

2.1 O curso de ciências contábeis

O ensino superior de Contabilidade surgiu da necessidade de continuar o processo de evolução do ensino comercial, que teve como primeira escola a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, iniciada em 1902. Segundo Machado (1982, p. 43), “os cursos comerciais sempre tiveram como meta o conteúdo essencialmente prático do ensino ministrado; mesmo assim, nem sempre conseguiram atender a demanda das empresas, cuja organização era então incipiente”. À medida que as estruturas organizacionais se sofisticaram, surgiu a necessidade de profissionais com formação mais sólida, que, além das tarefas profissionais específicas, pudessem participar das instâncias de direção.

A criação do curso de Ciências Contábeis ocorreu através do Decreto-Lei 7.988 de 22-09-1945, considerado o marco da criação dos cursos de Ciências Contábeis no Brasil. É válido destacar que, na realidade, o citado Decreto-Lei criou o curso de Ciências Contábeis e Atuariais, conferindo aos formandos o grau de Bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais. De um ponto de vista mais legal e crítico, a criação dos cursos de Ciências Contábeis efetivou-se com o advento da Lei 1.401 de 31-07-1951, que desdobrou o curso de Ciências Contábeis e Atuariais em dois, possibilitando aos concluintes receberem o título de Bacharel em Ciências Contábeis.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), existia, no Brasil, em 2000, um total de 510 cursos de graduação em Ciências Contábeis, passando a 641 em 2002, e atingindo 753 em 2004. Assim, em apenas quatro anos, o total de cursos de graduação em Ciências Contábeis cresceu, aproximadamente, 48%. Paralelo ao grande crescimento no número de cursos de graduação em Ciências Contábeis, ocorreu, nesse período, o surgimento de novos perfis de estudantes, contemporâneos das

inovações tecnológicas e dos demais fatores socioeconômicos da última década do século XX.

Os atuais cursos de Ciências Contábeis devem ser organizados de acordo com as orientações da Resolução do CNE/CES nº. 10, de 16 de dezembro de 2004, que, dentre outras diretrizes, define as seguintes competências e habilidades:

- 1) Utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem das Ciências Contábeis e Atuariais;
- 2) Demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade Contábil;
- 3) Elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais;
- 4) Aplicar adequadamente a legislação inerente às funções Contábeis;
- 5) Desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações Contábeis, com reconhecido nível de precisão;
- 6) Exercer suas responsabilidades com o expressivo domínio das funções Contábeis, incluindo noções de atividades Atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, que Educação Superior viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento de seus encargos quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas de sua gestão perante à sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania,
- 7) Desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação Contábil e de controle Gerencial, revelando capacidade crítico analítica para avaliar as implicações organizacionais com a tecnologia da informação;
- 8) Exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais.

Os conteúdos para formação do Bacharel em Ciências Contábeis devem atender aos seguintes campos interligados de formação:

- I – conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística;
- II – conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo as noções das atividades Atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao sector público e privado;
- III – conteúdo de Formação Teórica-Prática: estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando software atualizado para Contabilidade.

O ensino superior deve avançar para que possa responder aos desafios do mundo do trabalho, formando cidadãos com potencial de desenvolvimento social, cultural, econômico e político. O conhecimento contábil, afirma Negra (2003), apesar de datar de milhares de anos, não é um conhecimento estático. A cada dia, novos métodos, novas técnicas e novas metodologias são acrescentadas aos Sistemas de

Informações Contábeis de qualquer organização, apoiando-a na melhor gestão de seus patrimônios.

2.2 A escola e a formação do docente de Ciências Contábeis

O ensino contábil no Brasil tem evoluído de acordo com as necessidades do mercado, havendo demanda de profissionais desde o técnico contábil ao bacharel em ciências contábeis.

Essa nova visão do profissional contábil pode ser percebida na diretriz curricular vigente, instituída pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2004, ao estabelecer que esse “novo” profissional deve obter conhecimentos não somente da área em que atua, mas também de áreas afins, evidenciando a necessidade de uma abordagem interdisciplinar ao ensino.

Incorporando uma visão mais abrangente do contador, os cursos de contabilidade precisaram expandir os conteúdos propostos em suas grades curriculares. Como mencionado no Artigo 4^o do Parecer CNE/CES 776/97 sobre a orientação geral para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação, existem algumas competências e habilidades que devem estar embutidas na formação do bacharel. Segundo uma dessas diretrizes, que consta no inciso II, o currículo deve “demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil”. No mesmo sentido, Fazenda (2007) defende que a educação requer uma postura que seja interdisciplinar. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino-aprendizagem e supõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos. O professor é, na verdade, o mentor e norteador do trabalho interdisciplinar, por isso, Fazenda (1988, p. 82) conclama os mesmos para desenvolverem uma atitude interdisciplinar, ao afirmar que

(...) uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor, atitude de espera ante os atos consumados, atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo- ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os e com as pessoas neles envolvidos, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, enfim de vida.

O docente, como agente principal de transformação na educação, busca formas metodológicas para enriquecer o conhecimento dos fatos. Ao analisar o professor como elemento determinante para atingir a qualidade no ensino, Schwez (1995) argumenta que o docente deve

(...) servir de exemplo para seus alunos, deve demonstrar cultura e competência. Deve ser sincero, mostrar-se entusiasmado, (...) e sobretudo ter: a) profundo conhecimento de sua área; b) atitude científica e criatividade no tratamento do conteúdo; c) valorização da pesquisa; d) atitude de busca de novos conhecimentos; e) habilidades pedagógicas; f) compromisso e entusiasmo com a aprendizagem; g) consciência de provisoriedade do saber; e h) clareza e organização nas tarefas de aprendizagem (p. 33-36).

As IFES têm investido na formação de docentes e a interdisciplinaridade atualmente faz parte do vocabulário desses profissionais.

A formação do professor, na opinião de Carvalho (2005), está apoiada em uma dimensão dialética, ou seja, como surge o conhecimento, a partir da aprendizagem, produzindo um diálogo interdisciplinar entre as variadas ciências. Segundo Vasconcelos (1996, p. 10), para ser professor o ideal seria desenvolver três capacidades de forma igual: “a do bom transmissor de conhecimentos; a do bom crítico das relações socioculturais da sociedade que o cerca e do momento histórico no qual vive; e a do bom pesquisador”.

A fragmentação que ocorreu no ensino em todas as áreas contribuiu para o surgimento de um modelo disciplinar em que cada professor se preocupa somente com a sua disciplina, considerando-a sempre a mais importante e propiciando uma desvalorização das demais, distanciando-se, então, do princípio da interdisciplinaridade. Isto é compreensível já que, historicamente, segundo Serrano (2003, p. 22), a escola sempre tratou o conhecimento de forma estanque, valorizando a classificação, a quantificação e o acúmulo de informação. No entanto, as ações interdisciplinares contribuem para uma interação em diversos campos do conhecimento, construindo assim o conhecimento científico de modo sistêmico, onde as interações entre as disciplinas evitam a fragmentação. Continuando, Serrano (2003) destaca que agregar diferentes visões de mundo responde à necessidade de entender a complexidade das inter-relações que compõem a existência humana e não-humana.

Em termos gerais, a interdisciplinaridade pode ser definida como a integração e o engajamento do educador no conjunto das disciplinas, visando e permitindo sua

interação no currículo escolar, entre si e com a realidade (LÜCK, 2002; EAGAND et al., 2002; CAVIGLIA-HARRIS, HATLEY, 2004).

Leff (2001) considera a interdisciplinaridade como um processo de intercâmbio entre os diversos ramos do conhecimento, em que esses ramos transferem entre si métodos, conceitos e termos, eventualmente modificados, incorporados ou assimilados. Para Serrano (2003), torna-se imprescindível que os conceitos e as metodologias, bem como certas categorias filosóficas, sejam trabalhados pela ciência incorporadora a fim de especificar e explicar os processos em cada campo específico. É preciso ter uma relação de mutualidade, um regime que oferece uma co-propriedade, possibilitando um diálogo entre as partes interessadas. É exatamente a interdisciplinaridade a responsável por um movimento que redimensiona a teoria das ciências, revisando os hábitos de pesquisa e também se constituindo em meio de defesa para caminhos novos na área educacional.

No processo interdisciplinar, os alunos constroem por si as suas redes de conhecimento, utilizando diversas possibilidades de integração. A idéia é sempre estabelecer conexões e relações entre os conhecimentos e não isolá-los por disciplina. Construir os conhecimentos em rede proporciona a idéia de Currículo como uma construção inacabada e em permanente estado de mudança, impulsiona a construção de um currículo democrático, como afirmam Apple e Beane (2000, p.41): “Um currículo democrático convida os jovens a abandonarem o papel passivo de consumidores do conhecimento e a assumirem o papel ativo de “construtores de significados”. E como destacam Pacheco et al. (2002), “muito embora a escola desempenhe uma função de instrução, não pode resumir-se, no entanto, a um simples espaço de transmissão e aquisição de conhecimentos pretensamente neutrais”. É necessário, urgentemente, construir uma escola diferente, radical, desenvolver uma zona de tensão entre o que se tem e o que se deseja.

Garcia (2006) lista algumas questões para as quais os estudiosos da interdisciplinaridade procuram respostas, enquanto a fragmentação continua fazendo adeptos e sendo praticada: O que falta ainda para superá-la? Há necessidade de mais teorias? Até que ponto a formação dos professores precisa avançar? Existe atualmente um quadro de acomodação? Vencer a interdisciplinaridade ainda é algo complexo? Ainda, segundo o referido autor, foram observados cinco obstáculos, destacando-se dois: primeiro, identificar o que falta ou que ainda precisa ser feito no ensino para não fazer da fragmentação uma constante

na sala de aula; segundo, a necessidade de mais teorias, no intuito de se obter uma literatura mais ampla sobre o tema, principalmente em língua estrangeira, para dar maior respaldo aos estudos.

O terceiro obstáculo sobre formação de docentes trata de uma questão difícil, também chamada “invisibilidade”, que se refere ao fato de não se saber como é exercida a prática didática no cotidiano, ou seja, se os docentes seguem os preceitos teóricos ou suas próprias intuições.

O quarto obstáculo refere-se à acomodação por parte dos professores, quando aceitam uma situação confortável, mas não necessariamente a desejável, rapidamente tornada imutável.

Por último, a interdisciplinaridade está longe de ser algo complexo, que não possa ser exercido, pois é no próprio ambiente de ensino que ela cria práticas facilitadoras, que podem ajudar a inventar a interdisciplinaridade. Para o aluno, a interdisciplinaridade traz inúmeras vantagens, tais como o conhecimento de outras perspectivas, além de sua própria; a habilidade para avaliar o testemunho de pessoas especializadas no assunto; tolerância a ambiguidade; crescimento da sensibilidade para assuntos polêmicos; habilidade para sintetizar ou integrar assuntos diretamente ou indiretamente ligados a área afim; ampliação de perspectivas e horizontes; aumento do pensamento criativo, original e não-convencional; aumento da habilidade de escutar pontos de vistas diferentes; e sensibilidade para idéias enviesadas.

Além das disciplinas, os métodos de ensino também necessitam ser diversificados, corrigindo a abordagem inicial, segundo a qual tais métodos pressupunham o aluno como agente passivo. Ao contrário, visando à formação de profissionais com espírito crítico e capacidade analítica, o processo de aprendizagem também tomou outra forma, em que o aluno passa a ser o agente ativo do processo (MARION, 1996).

Converge com essa nova visão o disposto no artigo 3^o das diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Ciências Contábeis, em que as características profissionais esperadas para os bacharéis em Ciências Contábeis incluem:

- compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras, em âmbito nacional e internacional, e nos diferentes modelos de organização;

- apresentar pleno domínio das responsabilidades funcionais, envolvendo apurações, auditorias, perícias, arbitragens, noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, com a plena utilização de inovações tecnológicas; e
- revelar capacidade crítico-analítica de avaliação, quanto às implicações organizacionais com o advento da tecnologia da informação.

Contudo, ao desenvolver a idéia do professor como um profissional reflexivo, Schon (2000) considera que é o processo de reflexão sobre a prática (tanto durante como após a ação) que promove e desenvolve o seu conhecimento profissional. Assim, para esse autor, existem, ainda, dois conceitos que se completam e influenciam o conhecimento profissional: a) “reflexão-na-ação”, ligada à produção de grande parte do conhecimento; e b) reflexão sobre a ação e sobre a “reflexão-na-ação”, em que o professor analisa, numa fase posterior, as características e os processos da sua própria ação.

O componente reflexivo ganha dimensão em qualquer prática profissional, e, especialmente, em situações novas ou diferentes apresentadas pela prática na qual uma solução técnica é insuficiente para resolvê-las.

O professor, em sua prática docente, deve acompanhar de forma processual o desenvolvimento de aprendizagem dos alunos para interferir quando necessário, ajudando-o a prosseguir nas suas descobertas e no prazer de aprender (REY, 2002).

2.3 Teorias da aprendizagem – ensino tradicional x processo ativo

Para que a aprendizagem seja efetiva, é importante considerar as questões pedagógicas durante o planejamento das disciplinas, de forma que elas possam oferecer ao aprendiz ferramentas adequadas para a construção e a aquisição de novos conhecimentos. Tal é essa importância que diversos estudiosos das áreas de Pedagogia e de Psicologia Educacional estudam o processo através do qual acontece o aprendizado, procurando identificar como os professores podem atuar de maneira a auxiliar o aprendiz na tarefa de aprender, considerada, ainda, a importância da contextualização da aprendizagem.

Diversas teorias de Ensino e Aprendizagem, tais como as de Ausubel (1976), Gagné (1974), Freire (1996) e Freinet (1993), consideram que alguma noção sobre o nível de conhecimento prévio do público-alvo é fundamental para a realização de uma aprendizagem que permita a retenção do conhecimento. Em muitas disciplinas, especialmente as introdutórias, considera-se que o senso comum reflita o nível de conhecimento prévio e as necessidades do público-alvo, por exemplo, estudantes de graduação.

Freinet (1993) aborda a necessidade de relacionar o ensino às experiências de vida dos aprendizes. Em sua teoria, o educador defende que a interação entre o professor e o aprendiz é essencial para a aprendizagem. Freire (1996) faz alusão direta à importância de considerar o senso comum do aprendiz no processo de aprendizagem. O autor afirma que se deve discutir com os aprendizes a razão dos conhecimentos de seu senso comum, de forma a motivar o seu envolvimento com a aprendizagem e fazê-la ter sentido. Assim, os aprendizes conseguem relacionar a aprendizagem com suas experiências anteriores e no futuro saberão explicar o porquê de um determinado assunto e como ele se relaciona com outros assuntos do seu dia a dia.

Gagné (1974) sustenta ser muito importante para o sucesso da aprendizagem considerar a utilização pelos aprendizes de suas estratégias cognitivas pré-existentes. Segundo o autor, estratégias cognitivas são capacidades internamente organizadas que o aprendiz utiliza para guiar seus próprios processos de atenção, aprendizagem, memória e pensamento.

Ao analisar a filosofia seguida pelo construtivismo, verifica-se a proposta da participação ativa do aluno na construção do próprio conhecimento, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e ao desenvolvimento do raciocínio. As técnicas do construtivismo rejeitam a apresentação do conhecimento pronto ao estudante. No entanto, utiliza de modo inovador de técnicas tradicionais como, por exemplo, a memorização, mas estimulando a descoberta do conhecimento pelo aluno, tornando lúdico o ato de aprender. As novas propostas pedagógicas embasadas nos estudos do suíço Jean Piaget vêm se caracterizando como construtivistas, em busca de formar um profissional reflexivo, capaz de agir com habilidade diante das exigências do mercado cada vez mais globalizado.

Para Ausubel (1976), a aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do

conhecimento prévio do aprendiz, ou seja, essa aprendizagem significativa acontece quando o aprendiz associa uma nova informação a conceitos relevantes, pré-existent na sua estrutura cognitiva, sendo sempre o conhecimento de senso comum um dos elementos dessa estrutura prévia.

Cooper e McIntyre (1996) alertam que se deve levar em consideração não só as características individuais dos estudantes, mas a característica geral de uma turma de alunos que geralmente revela uma personalidade própria, enquanto grupo de pessoas.

Dentre as características individuais, a motivação do estudante é um aspecto primordial para que o processo de aprendizagem produza resultados. No caso do ensino superior, a questão da motivação apresenta algumas peculiaridades importantes. Uma delas é que a motivação do aluno apresenta forte correlação (negativa) com os índices de evasão dos cursos. O elevado índice de evasão dos estudantes reforça a importância de pesquisar os métodos e as atividades de ensino.

O sucesso de um método de ensino pode depender de muitas variáveis. Segundo Godoy (1988), uma delas é o docente. De acordo com Bordenave e Pereira (1995, p.43),

Para o professor moderno, a escolha adequada das atividades de ensino é uma etapa importante de sua profissão. (...) Assim como a competência profissional do engenheiro se manifesta na escolha acertada de materiais e métodos de construção, a idoneidade profissional do professor se manifesta na escolha de atividades de ensino adequadas aos objetivos educacionais, aos conteúdos de matéria e aos alunos.

O estudo de Bordenave e Pereira (1995) mostra, ainda, que a escolha do método de ensino depende de vários critérios a serem examinados: (1) os objetivos educacionais; (2) a estrutura do assunto a ser ensinado; (3) as características próprias das atividades de ensino; (4) as etapas do processo de ensino e (5) o tempo e as facilidades físicas disponíveis.

2.4 O ensino em contabilidade

Desde a criação do curso até este primeiro final de década do terceiro milênio, nota-se um crescimento exagerado na quantidade de cursos autorizados pelo MEC. Um ponto crítico em todo esse processo de crescimento é o sacrifício da qualidade do ensino. Ainda não são frequentes pesquisas teórico-empíricas que explorem a temática ensino-aprendizagem na área do ensino contábil, particularmente, no que diz respeito aos métodos de ensino praticados.

Segundo Ludícibus e Franco (1988), há necessidade de preparar profissionais, não apenas com o domínio das mais avançadas técnicas disponíveis, mas também dotados de habilidades e do discernimento necessário para que, além do como fazer, possa perseguir e alcançar o que fazer. Dominar a técnica não é suficiente. O mais importante é estar preparado para perceber quando a técnica precisa evoluir. Nesse entendimento, o professor é responsável pela formação de futuros profissionais com aptidões técnicas e, ao mesmo tempo, orientar quanto à formação ética do Contador. Borges (2000) afirma que vários professores conhecem somente parte da disciplina, por esse motivo, contribuem para uma formação dos futuros contadores profissionais com a mesma visão, isto é, meros registradores de fatos contábeis ocorridos. Na verdade, o professor tem que conhecer a área contábil de forma global.

Para que um aluno, futuro profissional, saia da universidade com essa ampla visão, Nossa (1999) argumenta que é necessário fazer funcionar uma infraestrutura adequada, implantar um currículo compatível e, principalmente, recrutar um corpo docente capaz de contribuir com essa formação. Ainda, segundo Nossa (1999), a melhora na qualidade de ensino não depende somente das mudanças estruturais e curriculares das instituições de Ensino Superior, mas, principalmente, da seriedade, da dedicação e do compromisso assumido pelos professores em termos da capacidade de formar bons profissionais e não apenas de informá-los sobre alguns conteúdos. Hoje, o ensino-aprendizagem pode ser planejado e efetivado através do desenvolvimento das competências e habilidades de todos os envolvidos no processo - professores e alunos (KRAEMER, 2008).

Segundo análise de Ludícibus e Marion (1986 p. 52), a principal deficiência do ensino de Contabilidade compreende os seguintes aspectos:

- falta de adequação do currículo;
- falta de um programa bem definido para prática contábil;
- falta de preparo do corpo docente;
- deficiência na metodologia do ensino da Contabilidade Introdutória;
- proliferação das instituições de ensino e órgãos de classe; e
- falta de exame de suficiência de âmbito nacional para o exercício da profissão.

Silva (2001, p. 40) esclarece o papel das atividades e métodos de ensino utilizados em Contabilidade, ao destacar a necessidade de diversificar constantemente as técnicas e os métodos de ensino, de modo a fazer com que o processo de ensino-aprendizagem seja mais produtivo e prazeroso.

A utilização de atividades tais como jogos de empresas, discussão de textos, entrevistas, solução de problemas e outras técnicas desenvolvidas, como dinâmicas de grupo, torna-se uma ótima oportunidade para cada indivíduo receber estímulo e entusiasmo (MORAIS *et al.*, 2008).

Criam-se na sala de aula diversas simulações do objeto de estudo, tornando a aprendizagem um processo dinâmico, em que as pessoas se juntam, cumprem ordens e regras pré-definidas nas atividades apresentadas pelos professores, formam suas equipes e definem seus objetivos, o que permite ao aluno vivenciar um pouco da realidade simulada. Nos grupos, os alunos podem revelar suas características peculiares, tais como interesse, aptidões, intenções e desejos, inibições, frustrações, expectativas e medos (MILITÃO e MILITÃO, 2000, p.14).

A utilização do chamado Laboratório Contábil, apoiada em recursos computacionais, é também uma das formas sugeridas para desenvolver o aprendizado no curso de Ciências Contábeis, permitindo que toda disciplina contábil seja usuária do Laboratório como complemento às aulas teórico-expositivas da área. Os professores precisam estar preparados para fornecer não somente suporte em tecnologia, mas principalmente oportunidades de aprendizado para seus alunos. O uso da tecnologia tem-se tornado uma habilidade inerente à profissão de educador, servindo para apoiar o aluno em seu aprendizado (ICT – UNESCO, 2006.)

O Laboratório deve ser instrumento que leve o aluno a interagir com *software* aplicativo, permitindo-lhe conhecer as informações contábeis dos diversos setores de uma empresa, tais como ativo fixo, compras, estoque/custos, faturamento,

vendas, financeiro, gestão de pessoal e livros fiscais, todos integrados diretamente com a contabilidade.

2.5 Conteúdo

A educação peca pelos paradigmas de tempo e pela quantidade de conteúdos. Nós sabemos que algumas séries avançam mais depressa, outras não.

O que massacra a pedagogia é essa obrigação desenfreada de normatização e uniformização, todos tendo de aprender dentro de um determinado tempo.

Sant'ana et al. (1992) considera que um dos mais frequente problemas que preocupa o professor, ao elaborar o seu planejamento, relaciona-se a conteúdos.

Segundo Hernandez, Peleias e Barbalho (2006 p. 102),

o estudante, futuro profissional de contabilidade, necessita dominar todo o arcabouço contábil. É primordial ter conhecimento sobre história da contabilidade, teoria da contabilidade, o significado do processo de registro contábil, da importância da escrituração contábil como base para elaboração das demonstrações contábeis e como meio de prova no judiciário, a obrigatoriedade e a necessidade dos relatórios contábeis dentre outros conteúdos específicos importantes.

Para Marion (1996), o conhecimento das técnicas de escrituração auxiliará o estudante a desenvolver a Contabilidade Comercial e as demais contabilidades oferecidas ao longo do curso superior. Marion e Procópio (1998) sugerem que, para uma aprendizagem adequada da contabilidade em cursos de graduação, faz-se necessária uma ênfase especial na estrutura teórica, com uma visão rápida, mas abrangente dos princípios contábeis. Será de grande utilidade na melhor compreensão do processo prático, por propiciar consistência teórica e aplicabilidade prática.

Para melhor assimilação dos conteúdos pelos alunos, é necessário orientá-los na busca e no aprimoramento de suas capacidades intelectivas, cultivando padrões mais ricos e consistentes de pensamento.

Os métodos e as técnicas de ensino são os elementos componentes de um contexto educacional maior, que envolve a opção de uma instituição de ensino por determinada concepção de currículo. Entretanto, no Ensino Superior, embora a maioria das instituições possua projetos pedagógicos oficiais para os cursos que

mantêm, ainda se observa, na prática, que algumas não os planejam de forma adequada.

A esse respeito, diz Marion (1985, p.12):

há escolas que nem sequer sabem qual o perfil regional desejado do egresso de Ciências Contábeis [...] copiam de outras faculdades algumas disciplinas com o objetivo de completar a grade curricular. O autor complementa: pouco se pesquisa sobre uma metodologia que mais se ajuste às características do estudante.

Torna-se interessante uma busca de flexibilização do conteúdo, da avaliação e da metodologia. Segundo Souza e Ortiz (2006, p.152), deve-se cuidar para que as aulas tenham uma sequência lógica, e que os conteúdos das disciplinas, e as disciplinas do curso sejam ministrados de forma ordenada, durante o curso. Algumas metodologias de ensino e técnicas didáticas são mais apropriadas para específicos tipos de objetivos ou conteúdos, assim como algumas avaliações se identificam mais com certos tipos de objetivos. Pouco se pesquisa sobre uma metodologia que mais se ajuste às características do estudante.

Segundo Sant'ana et al. (1992), o tratamento dispensado pelo professor ao conteúdo é um dos mais evidentes indicadores do seu grau de atualização, criatividade, iniciativa e sistematização.

2.6 O papel dos métodos de ensino

O êxito em ensinar pressupõe que o aluno aprenda. Partindo da hipótese de que o simples conhecimento de um assunto a ser ensinado não seja suficiente (ou não confere automaticamente a competência) para transmiti-lo com sucesso, cabe reconhecer que os aspectos didáticos assumem vital importância no processo educativo e formativo do aluno.

O ensino de Contabilidade tem sido alvo de constantes debates e questionamentos, especialmente quanto à sua qualidade. Essa preocupação não é nova. Por exemplo, Marion (1983) concebeu uma proposta, derivada da sua experiência prática em salas de aula, que visa reverter um quadro preocupante que o autor constatou em cursos de Ciências Contábeis em várias faculdades do Brasil. Em outro trabalho, Ludicibus e Marion (1986) apontam algumas críticas e sugestões sobre a formação do contador em faculdades de Ciências Contábeis brasileiras.

No ensino de Ciências Contábeis, é fundamental a construção do conhecimento do educando, principalmente por meio do estímulo ao questionamento e à pesquisa, tendo por meta o fortalecimento do senso crítico. A metodologia utilizada e o enfoque do ensino são fatores fundamentais para a eficácia do processo.

Diferentes métodos e técnicas de ensino estão à disposição dos professores que queiram melhorar o aprendizado de seus alunos. Segundo Nérici (1997, p. 258), não se pode abordar as técnicas como sendo velhas ou novas, superadas ou atuais. Todas são válidas, desde que sejam aplicadas de modo ativo, propiciando ao aluno exercício de reflexão e atitude crítica. A validade da técnica, pois, está na maneira, no espírito como é empregada. Ainda segundo Nérici (1970, p. 61), os métodos e as técnicas de pesquisa têm um objetivo comum, que é levar o educando a seguir um esquema para eficiência da aprendizagem, o que permite concluir que os métodos de ensino devem levar o aluno a estabelecer conexão com a realidade, estimulando-o para o desenvolvimento de competências.

Marcovitch (1998, p 74) afirma que não basta ao docente mostrar conhecimentos de fatos. Isso o aluno também poderia conseguir utilizando os meios de informação. Cabe, portanto, ao professor, oferecer métodos úteis a um raciocínio analítico e disciplinado. Nesse aspecto, Santos (2003) destaca que cabe ao educador perceber que os alunos são diferentes, inclusive na própria forma de captação de sua mensagem. Por exemplo, existem alunos mais auditivos, outros mais visuais, outros mais reflexivos, ou seja, os alunos são estimulados de diferentes formas para o aprendizado. Ele destaca ainda que o saber ensinar implica que o aluno aprendeu, sendo apenas coadjuvante a utilização desta ou daquela regra ou técnica, embora as mesmas possam vir a facilitar esse processo.

Vários métodos de ensino são utilizados pelos docentes. Andrade (2002, p. 48-63) cita os seguintes métodos e técnicas utilizados no Ensino de Contabilidade:

- 1 aula expositiva;
- 2 dinâmica de grupo;
- 3 visitas a empresas;
- 4 jogos de empresa;
- 5 dissertação ou resumo;
- 6 seminário;
- 7 mesa redonda;

8 resolução de exercícios;

9 estudo de casos.

Assim, no que se refere aos métodos, o uso de Laboratório de Informática não foi citado por Andrade, mas é certo que os recursos educacionais tecnológicos devem estar presentes no ensino, uma vez que facilitam o processo de ensino e simulação, especialmente em caso de laboratório. Litwin (1997) entende que a Tecnologia Educacional é o corpo de conhecimentos que, baseando-se em disciplinas científicas encaminhadas para as práticas do ensino, incorpora todos os meios a seu alcance e responde à realização de fins nos contextos sócio-históricos que lhe conferem significação.

Diferentes métodos e técnicas de ensino estão à disposição dos professores que pretendem melhorar o aprendizado de seus alunos; porém, o importante é saber o melhor momento de aplicar uma técnica, já que não existem técnicas de ensino melhores ou piores. A referência para a escolha e o uso de técnicas específicas é o grupo, devendo-se identificar as características pessoais de cada aluno. Por outro lado, conforme ensina Azanha (1987), a atividade de ensinar está muito próxima de um saber como fazer, significando que o professor exerce sua prática pedagógica de forma criativa e natural, independente da existência de regras reguladoras ou normativas.

Nas seções a seguir, será feita uma breve abordagem sobre os métodos de estudo de caso, jogos de empresas e laboratório de informática por serem métodos que se caracterizam pela utilização de ações e formas experimentais de aprendizado acopladas à didática e aos processos de interação e relacionamento de grupo (Singer e Weissman, 2008), e por se enquadrarem dentro do processo de Ensino Ativo.

2.6.1 O método do estudo de caso

Apesar de ter sido desenvolvido em Harvard, nos anos 20, segundo Marion (1992), a Universidade de Kansas foi a pioneira nos Estados Unidos em introduzir este método em cursos de graduação. De acordo com Trigueiro (1998), o uso do método de caso, que havia começado oficialmente em 1908, na Harvard Business School, foi muito difundido após a Segunda Guerra Mundial, em decorrência dos programas de formação de dirigentes de empresa estabelecidos pelo Plano Marshall

para a Europa. O introdutor da idéia foi o professor Edwin F. Gay, primeiro diretor da Escola Harvard Business Scholl. Um aspecto importante desse método é dar ênfase ao desenvolvimento pessoal, compartilhando-se idéias e avaliando-se outros pontos de vista.

A maioria das universidades começou a utilizar esse método nos anos 40, em cursos de pós-graduação. Na década de 1970, o método foi introduzido no Brasil pela Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo.

Anthony e Reece, apud Marion (1992), alegam que os casos são de grande valor no processo educacional na sala de aula, ao provocarem a ação do estudante: analisar o problema, avaliar os diversos fatores nele envolvidos, fazer cálculos, tomar posição, e assim por diante.

O método de estudo de caso leva a processar informações retiradas de fatos, interpretá-las e chegar a conclusões. Proporciona uma visão mais abrangente das atividades desenvolvidas nas organizações, por permitir aproximar os alunos de situações representando “problemas” que naturalmente irão enfrentar em suas atividades profissionais. Esse método tem o mérito de conciliar o desenvolvimento cognitivo, ou seja, a aquisição de conhecimentos, com a atividade acentuadamente vivencial.

O exercício dessa prática ajuda a desenvolver a capacidade e o entendimento do estudante de Contabilidade, visto que muitos educadores acreditam que algumas partes realmente importantes de certos assuntos contábeis só podem ser aprendidas através de algum tipo de experiência concreta e não meramente ouvindo ou lendo sobre o assunto.

O método de estudo de caso coloca o indivíduo em permanente contato com o mundo exterior, o mundo da prática, de onde vem uma espécie de força de mudança que encoraja uma postura adaptativa. Uma das características mais importantes do estudo de caso é que proporciona ao estudante envolver-se com os “fatos reais” do ambiente empresarial, despertando nele o interesse em encontrar soluções viáveis na resolução de problemas e amadurecendo-o como profissional, e dando oportunidade para demonstrar seu potencial para prover soluções válidas e aplicáveis.

No método estudo de caso, os alunos, individualmente ou em grupo, podem discutir e propor soluções para casos pré-elaborados pelo professor, ou também

coletar “dados reais” em suas respectivas fontes (empresas, por exemplo), discutí-los e propor soluções. As apreciações, críticas ou soluções são finalmente apresentadas e discutidas em sala de aula para os demais alunos, sob a supervisão e avaliação do professor.

Gil (1994, p. 84) argumenta que o estudo de caso é muito empregado em certos cursos (...) para a análise de problemas e tomada de decisões. Segundo o autor, sua utilização pode proporcionar ao aluno certo tipo de vivência dos fatos que podem ser encontrados no exercício da profissão e para habituá-los a analisar situações sob seus aspectos positivos e negativos antes de tomar uma decisão. Gil (1994, p.76) argumenta também que o método do estudo de caso apresenta vantagens significativas, uma vez que:

a maior utilidade do estudo de caso é verificada nas pesquisas exploratórias. Por sua flexibilidade, é recomendável nas fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para a construção de hipóteses ou reformulação do problema. Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal.

A adoção desse procedimento visa preparar os futuros profissionais, que, indubitavelmente, estarão expostos a todas as pressões inerentes ao contexto econômico e que, efetivamente, serão obrigados a operar com a determinação e firmeza exigidas nas mais diversas situações. Aceitando esse pressuposto, certamente será útil ter como referencial a base conceitual e a experiência de análises adquiridas durante o curso. O estudo de caso, no entanto, necessita de planejamento, devendo envolver o estudante em um trabalho progressivo e adequado, que o leve a sentir seu crescimento, progresso e amadurecimento ao longo do curso. O aluno deve estar convencido e ter sempre em mente que se trata de um meio a ser usado para atingir as metas ou os objetivos educacionais pretendidos para o curso.

Essa sugestão, aparentemente simples, poderá contribuir para aumentar as chances de alcançar tais objetivos, quando ao estudante é dada a oportunidade de colocar em prática, na vida profissional, o conhecimento que levar da sala de aula.

2.6.2 O método de jogos de empresas

A utilização dos “Jogos de Empresas” como estratégia de ensino e aprendizagem em negócios desenvolveu-se nos Estados Unidos, a partir da década de 1950, com a finalidade de treinar executivos da área financeira.

O Jogo de Empresas é uma técnica que pode ser entendida como um conjunto de comandos interativos baseados em abstrações matemáticas que representam, de forma simplificada, diversas situações relacionadas com o mundo dos negócios. Um jogo de empresas permite realizar, em laboratório, experimentos que muitas vezes não são possíveis na realidade concreta, propiciando aos jogadores novas experiências e constituindo, por isso, um recurso adicional para fixação do aprendizado, visto que simula situações reais de gestão ou outras.

Santos (2003) define jogos de empresas como um exercício de tomada de decisões em torno de um modelo de operação de negócios, em que os participantes atuam como se fossem administradores de uma empresa simulada, permitindo-lhes assumir diversos papéis gerenciais, funcionais, especialistas, generalistas etc.

A metodologia dos “Jogos de Empresas” é uma das propostas apresentadas por diversos pesquisadores. Beppu (1984), por exemplo, utilizando-se da metodologia dos Jogos de Empresa, discute alguns tópicos relativos ao ensino da Contabilidade nas faculdades brasileiras, discorrendo sobre as características do ensino “teórico” *versus* as do ensino “prático”. A introdução do computador nos Cursos de Contabilidade vem tornando os jogos mais dinâmicos, por permitir o processamento dos dados com maior rapidez, e possibilitar a elaboração de modelos de jogos mais complexos e com alto nível de precisão.

No ensino da Contabilidade, o objetivo desse método é desenvolver nos participantes de um curso a habilidade de tomar decisões com base em dados contábeis e de mercado, por meio da utilização de um jogo em que os participantes constituem as diretorias de empresas que competem em um mesmo mercado.

Tanabe (1977) descreve quatro características básicas existentes em qualquer jogo de empresas:

- a) o ambiente de negócios é simulado;
- b) todas as variáveis de decisão estão expressas no modelo;
- c) desenvolve interações entre os participantes e o objeto simulado;

d) é sempre mais simples que o mundo real.

Martinelli (1987) realizou extensa pesquisa comparativa sobre jogos de empresas focalizados no ensino de administração. O autor conceitua o jogo como um “exercício sequencial de tomada de decisões, estruturado em torno de um modelo de uma situação empresarial, no qual os participantes se encarregam da tarefa de administrar as empresas simuladas.” Além disso, acrescenta que os jogos de empresas podem contribuir para a aprendizagem de conteúdos, desenvolvimento de habilidades e competências, através de quatro pontos de vista:

- a) eliminar bloqueios psicológicos;
- b) desenvolver habilidades tais como abstrair, prever e planejar, combinar os papéis de especialista e generalista, trabalhar efetivamente com outras pessoas;
- c) desenvolver a capacidade de processar informações;
- d) possibilitar experimentar novas idéias.

Para Kirby (1995, p.15-46), o uso de jogos em treinamento se baseia no princípio de que o estudante é um agente ativo e aprende melhor fazendo do que somente lendo ou ouvindo.

Tendo em mente o paradigma da Teoria de Aprendizagem Vivencial, Sauaia (1995, p. 253-261), em pesquisa inédita sobre Jogos de Empresas, estabelece algumas proposições e considerações para o aperfeiçoamento da educação gerencial, bem como para a satisfação e melhor aprendizagem, por meio dessa técnica.

Ao relacionar os Jogos de Empresas com a abordagem cognitivista de Jean Piaget, Santos (2003) destaca o enfoque de caráter interacionista entre sujeito e objeto, afirmando que o aprendizado é decorrente da assimilação do conhecimento pelo sujeito e também da modificação de estruturas mentais já existentes, ou seja, o conhecimento é adquirido através de uma construção dinâmica e contínua.

Pode-se concluir, então, que a técnica “Jogos de Empresas” permite que os participantes sejam agentes ativos no processo, proporcionando ademais um clima motivacional favorável ao ensino e aprendizagem.

2.6.3 Do laboratório de contabilidade à disciplina prática contábil

A primeira legislação que trata do tema laboratório de contabilidade é a Resolução nº 3 do CEF (BRASIL, 1992), na categoria de conhecimentos ou atividades de formação complementar, em que se sugere a possibilidade da utilização do “laboratório contábil” como uma das estratégias para o cumprimento das atividades obrigatórias de natureza prática, visando desenvolver o conhecimento experimental da contabilidade. Atualmente, a existência dessa disciplina é reforçada pela Resolução CNE/CES nº 10 (BRASIL, 2004) que valida no Artigo 5.º, Inciso III, a “prática em laboratório de informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade”.

Favarin (1997), em um trabalho que versa sobre didática aplicada ao ensino de contabilidade para os cursos superiores de Ciências Contábeis, indica que o laboratório de contabilidade é um instrumento fundamental ao ensino da disciplina de Contabilidade Geral por meio das metodologias de jogos de empresa e estudo de caso.

Segundo Brito (2002), as Instituições de Ensino estão cada vez mais incorporando a tecnologia na pedagogia e no aprendizado. Os ambientes virtuais estão se tornando instrumentos necessários ao processo de Ensino Ativo, como extensões da sala de aula e da escola ao ambiente doméstico.

El Hajj e Rossetto (2002) corroboram a opinião de Brito quando afirmam que as salas de aula estão deixando de ser sinônimo de cadeiras com braços, lousa, giz, retroprojetores etc. Para eles, a mudança já é percebida com grande frequência nos grandes centros econômicos, cujas salas de aula passaram a dispor de uma infraestrutura de tecnologia que inclui computadores, televisores, internet, livros digitais, dentre outros. Essa infraestrutura proporciona um ambiente muito mais flexível, tanto para o professor - que pode aplicar as tecnologias que mais se adequarem ao objetivo pretendido - quanto para os alunos, que passam a ter uma diversidade de opções mais dinâmicas, *online*, e condizentes com a realidade, deixando a monotonia das aulas expositivas no passado. Esses recursos serão ainda mais otimizados a partir do momento em que os docentes possam interagir, discutindo e acumulando experiências teóricas e práticas. Isso contribui para a

melhora da formação dos professores e, conseqüentemente, do ensino como um todo.

Torna-se necessário, então, que o corpo docente do Curso de Ciências Contábeis mantenha-se em permanente comunicação, visando à discussão e ao debate de conhecimentos. Nesse sentido, sugere-se ao setor responsável pelo Curso que proporcione a integração entre os docentes de forma a sistematizar esse procedimento metodológico chamado interdisciplinaridade.

Conseqüentemente, o foco do currículo deixa agora de concentrar-se principalmente em conhecimento puro e habilidades específicas, e se desloca para percepção, compreensão e habilidades mais gerais. O laboratório de contabilidade surge como um espaço de possibilidades para que se processe a intensificação do aprendizado, permitindo que o discente realize a articulação de pontos teóricos e práticos, desenvolvendo a habilidade de transformar o conhecimento do conteúdo teórico em aplicação prática.

Com relação à utilização do laboratório no ensino, para Borba (2002, p. 935) “tudo que serve como experiência ou aprendizado, constitui-se em um ambiente de aprendizagem, por meio de atividades práticas de alguns ramos de conhecimento”.

Entre os vários métodos e técnicas de ensino apresentados por Nérice (1992, p. 132), o trabalho em laboratório é conceituado como “uma atividade que visa colocar o educando diante de uma situação prática [...] visa, pois, conferir ao educando aquelas habilidades de que ele irá necessitar quando precisar por em prática os conhecimentos de determinadas disciplinas.

3 METODOLOGIA

De acordo com o *design*, esta pesquisa se caracteriza como estudo de caso, e utiliza uma abordagem empírico-analítica. Fundamenta-se na afirmativa de Yin (2001) no sentido de que se estuda um fenômeno passado ou atual, com base em várias fontes de evidência (observação direta, entrevistas, documentação, registros em arquivos). O autor relaciona a preferência pelo estudo de caso a eventos contemporâneos, a situações em que os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas que possibilitam fazer observações diretas e aplicar entrevistas sistemáticas.

Por outro lado, essa pesquisa convencionou-se como de natureza exploratória, por positivar “maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Na visão de Mattar os propósitos imediatos de uma pesquisa exploratória são (a) ganhar maior conhecimento sobre um tema, (b) desenvolver hipóteses para serem testadas e (c) aprofundar questões a serem estudadas.

De aspecto flexível, a pesquisa exploratória comporta a deferência de vários “aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2006 p. 41). Abrange, além do arrolamento bibliográfico, entrevistas e a análise empírica do caso estudado.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p. 132) dizem que nos estudos qualitativos torna-se essencial adotar uma visão holística para compreensão das inter-relações, como, também, proceder a uma abordagem indutiva que permita observações livres, deixando que dimensões e categorias de interesse possam emergir durante o processo de coleta de dados e, por fim, uma abordagem naturalística na qual a intervenção do pesquisador é reduzida ao mínimo.

O levantamento de dados secundários teve como objetivo buscar informações sobre:

- ◆ Breve histórico da IFES e do seu Curso de Ciência Contábeis;
- ◆ Breve histórico da Disciplina Prática Contábeis da IFES;
- ◆ Infraestrutura do Laboratório do Curso de Ciências Contábeis da IFES;

3.1. Justificativa da escolha do método

Fundamentando-se no objetivo geral do estudo, decidiu-se pelo método do Estudo de Caso, em que a metodologia permite a aplicação de diferentes técnicas de coleta e análise de dados, nos quais se incluem análise documentária, entrevistas e observação (COLLIS e HUSSEY, 2005, p. 73).

Cooper e Schindler (2003, p.130) definem:

Os estudos de caso colocam mais ênfase em uma análise contextual completa de poucos fatos ou condições e suas inter-relações. Embora as hipóteses sejam frequentemente usadas, basear-se apenas em dados qualitativos torna o suporte ou a rejeição mais difícil. Uma ênfase em detalhes fornece informações valiosas para a solução de problemas, avaliação e estratégia. Esse detalhe é obtido de fontes múltiplas de informação.

Estudos dessa natureza focam ainda a abordagem qualitativa, isto é, essa proposta ressalta os aspectos subjetivos da atividade humana, salientando o significado de fenômenos sociais (COLLIS e HUSSEY, 2005, p. 59). “A pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser não-estruturada, de natureza exploratória e pautada em pequenas amostras, com o objetivo de prover percepções e compreensão do problema” (MALHOTRA, 2006, p. 66).

Tendo ainda característica de pesquisa exploratória, desempenha-se sobre uma área de investigação tão nova ou tão vaga que há poucas possibilidades a que se possa recorrer. A pesquisa exploratória poucas vezes proporciona respostas irrefutáveis para problemas ou questões; contudo sugere pesquisas futuras. (COLLIS e HUSSEY, 2005, p.63).

Esse tipo de pesquisa distingue-se por sua flexibilidade e versatilidade com respeito aos métodos, visto que não são utilizados protocolos e procedimentos formais de pesquisa. Quase nunca envolvem questionários estruturados, grandes amostras e planos de amostragem por probabilidade. (MALHOTRA, 2006, p. 100).

Nesse ponto de vista, caracteriza-se como exploratória porque tem como objetivo identificar a percepção dos educandos acerca de algumas características específicas da disciplina Prática Contábil, tal como ocorre na matriz curricular do curso de Ciências Contábeis oferecido em uma IFES; e por se tratar de uma questão pouco explorada e de difícil precisão e operacionalização.

Esta pesquisa classifica-se como descritiva, tendo como objetivo analisar a disciplina “Prática Contábil”, conforme figura na matriz curricular do curso de graduação em Ciências Contábeis de uma IFES. Visa, também, determinar os benefícios da pedagogia experiencial e identificar o papel dos docentes e dos recursos educacionais, utilizando como evidência o caso da referida IFES, almejando, em última análise, aperfeiçoá-la e adequá-la às necessidades do profissional que o curso pretende formar.

Ratificando o conceito de pesquisa descritiva, Collis e Hussey (2005, p. 24) complementam dizendo que “é a pesquisa que descreve o comportamento dos fenômenos. É usada para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão”.

3.2. Coleta de dados

Uma das particularidades do estudo de caso é o método de coleta de dados. Existem dois passos nesse procedimento: levantamento de dados secundários e levantamento de dados primários.

Cooper e Schindler (2003, p.84) esclarecem que “dados secundários têm pelo menos um nível de interpretação inserido entre o fato e seu registro. Os dados primários são buscados por sua proximidade com verdade e controle sobre o erro.”

O método de levantamento secundário, usualmente, advém em primeiro lugar, por enunciar a etapa de amadurecimento do caso escolhido. Nessa fase, são selecionados elementos disponíveis, tais como, livros, manuais, artigos de revistas. Por outro lado, as fontes primárias, consideradas dados brutos, podem ser obtidas por meio de entrevistas, leis, regulamentações. (COOPER E SCHINDLER, 2003, p.223)

Em relação aos meios, foram empregadas pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista. Fez-se uso da pesquisa bibliográfica, com a finalidade de angariar, na literatura pertinente ao tema, os conceitos relevantes que dão fundamentação a pesquisa, visando analisar a disciplina “Prática Contábil” conforme inserida na matriz curricular do curso de Ciências Contábeis, aproveitando a evidência oferecida pela IFES, investigando, ainda, outros recursos educacionais e as condições físicas do laboratório. A pesquisa documental foi realizada através de

consultas e análise de documentos legais tais como: grade curricular, ementa da disciplina e outros disponíveis no site da instituição.

O outro método de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi a entrevista. Essa técnica pode ser aplicada pessoalmente, por telefone ou por computador, de forma estruturada, não-estruturada ou semiestruturada (COLLIS e HUSSEY, 2005, p. 160).

O cunho da entrevista interfere na estrutura das perguntas. Em entrevistas essencialmente não-estruturadas, o papel do entrevistador é incitar o respondente a discorrer com intensidade sobre um determinado assunto. A entrevista em profundidade estimula os respondentes a participar o máximo de elementos possível em uma atmosfera que não tolhe a liberdade do entrevistado. O entrevistador usa, pelo menos, sugestões e algumas questões para sua orientação (COOPER e SCHINDLER, 2003, p. 278)

Com entrevistas em profundidade mais focadas, isto é, com perguntas abertas, o pesquisador fornece orientação adicional ao usar um conjunto de perguntas para promover discussão e elaboração por parte do respondente. Nessas entrevistas, o pesquisador guia a direção e a cobertura do tópico. Seja a entrevista focada ou mais profunda, o objetivo é fornecer um ambiente relaxado, no qual o respondente discorra com suas próprias palavras sobre os tópicos selecionados, e tenha liberdade de manifestar quaisquer pontos de vista. As apreciações e esclarecimentos podem proporcionar ao pesquisador informações de grande valia sobre o entrevistado. Esse método é amplamente utilizado em estudos exploratórios ou quando o investigador está lidando com tópicos complexos, que não se encaixariam em entrevistas estruturadas (COOPER e SCHINDLER, 2003, p. 278; MALHOTRA, 2006, p. 298).

O roteiro de entrevistas foi organizado com base na revisão bibliográfica, constituído de seis temas, seus objetivos e fontes consultadas, conforme resumo no Quadro 1.

Quadro 1 – Fundamentos da Elaboração do Roteiro de Pesquisa

TEMA	OBJETIVOS	FONTES CONSULTADAS
EXPECTATIVAS	Estimular o aluno a refletir sobre a disciplina Contábil. Prática	Brussolo, 2002, Hernandez et al., 2006 Nossa, 1999 CNE/CES Nº. 10, 2004 Militão e Militão, 2000 Gil, 1994 Beppu, 1984
DIDÁTICA	Criar condições para o discente avaliar o proceder pedagógico.	Silva, 2001 Souza e Ortiz, 2006 CNE/CES nº. 10, 2004 Ausubel, 1976 Gagné, 1974 Freire, 1996 Freinet, 1993 Godoy, 1988 Bordenave e Pereira, 1995 Kraemer, 2008 Morais et al., 2008 Unesco, 2006 Nérici, 1997 Andrade, 2002 Azanha, 1987 Singer e Weissman, 2008 Triqueiro, 1995 Gil, 1994 Favarin, 1997 Marion, 2001. Hernandes et al., 2003, Nossa, 1999
EQUIPAMENTOS	Compreender o significado do laboratório e seus equipamentos na melhoria do processo pedagógico.	CNE/CES nº. 10, 2004 Gil, 1994 Tanabe, 1977 Beppu, 1984 Brito, 2002 Hajj e Rossetto, 2002 Borba, 2002 Marion, 2001
ORGANIZAÇÃO	Verificar a percepção dos alunos com relação aos conteúdos da disciplina	Nossa, 1999, Costa, 2003 Machado, 1982 CNE/CES nº. 10, 2004 Negra, 2003, Fazenda, 2007 Carvalho, 2005 Serrano, 2003 Luck, 2002

		Eagand et al., 2002 Caviglia-Harris, Hatley, 2004 Leff, 2001 Apple e Beane, 2000 Garcia, 2006 Freinet, 1993 Freire, 1996 Gagné, 1974 Iudícibus e Marion, 1986 Santos, 2003 Sant'ana et al., 1975 Hernandes et al., 2003 Marion, 1985 Souza e Ortiz, 2006
PERFIL DO PROFESSOR DA DISCIPLINA PRÁTICA CONTÁBIL	Identificar o perfil do professor ideal segundo percepções dos alunos	Cne/ces nº. 10, 2004 Schweze, 1995 Vasconcelos, 1996 Schon, 2000 Rey, 2002 Nossa, 1999 Gil, 1994 Marion, 2001.
RESULTADO/BENEFÍCIO	A partir da percepção dos alunos destacar a importância da disciplina prática contábeis	Rollo e Pereira, 2003 Marion, 1983 Marion, 1998 Marion, 1996 CNE/CES nº. 10, 2004 CNE/CES nº. 776, 1997 Ausubel, 1976 Cooper e mcintyre, 1996 Iudícibus e franco, 1983 Marcovitch, 1998 Nérici, 1997 Nérici, 1992 Santos, 2003 Litwin, 1997 Martinelli, 1987 Kirby, 1995 Suaia, 1995

O instrumento de coletas de dados para este estudo foi validado e garantida sua objetividade e fidedignidade por um painel de juízes constituído por professores universitários com titulação superior à desta pesquisadora. Foi composto por um professor Doutor do Mestrado em Ciências Contábeis da Fundação Capixaba de Pesquisa em Administração Contabilidade e Economia (FUCAPE), outro da

Universidade Federal de Viçosa (UFV) e uma da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto Universidade de São Paulo (FEARP/USP).

Os ajustes, por eles sugeridos, permitiram a conclusão com esmero do instrumento de pesquisa antes de sua implementação. O roteiro atentou para o objetivo proposto no estudo: Analisar a disciplina “Prática Contábil”, conforme consta na matriz curricular do curso de graduação em Ciências Contábeis, para determinar os benefícios da pedagogia experiencial e identificar o papel dos docentes e dos recursos educacionais, utilizando como evidência o caso de uma IFES e almejando, em última análise, aperfeiçoá-la e adequá-la às necessidades do profissional que o curso pretende formar.

Foram selecionados para a entrevista os seguintes sujeitos:

- 01 ex-aluno mestrando do programa de mestrado em Administração da IFES;
- 01 ex-aluno funcionário do Banco do Brasil S/A
- 02 ex-alunos funcionários de Escritório de Contabilidade;
- 01 ex-aluno em fase de preparação para ingresso no Curso de Mestrado;
- 01 aluno concluinte de Curso de Ciências Contábeis na IFES.

Os dados foram coletados de forma organizada e previamente planejados, com as entrevistas realizadas em um tempo de aproximadamente 45 (quarenta e cinco) minutos.

O planejamento iniciou-se pela marcação do horário e do local com os participantes da entrevista, no período de 1^o de novembro a 30 de novembro de 2009. Para participar da pesquisa, os estudantes selecionados deveriam ter cursado a disciplina Prática Contábil no 2^o semestre do ano 2007, no curso de Ciências Contábeis de uma IFES. Dos quarenta alunos que a cursaram, 08 foram convidados para participar da entrevista. Desse universo, dois deles participaram do pré-teste.

As entrevistas foram realizadas em um escritório de contabilidade e também nas salas de aula da IFES, cedida em horário em que não estava acontecendo aulas. Foram individuais, com o objetivo de manter o anonimato dos respondentes bem como o sigilo das respostas. Além disso, a entrevistadora procurou criar um clima interativo, essencialmente amigável, de modo a conseguir o envolvimento do entrevistado e garantir a confiabilidade dos depoimentos. Para registrar as entrevistas, para futura interpretação ou controle, foi acordado com os participantes

que seriam simultaneamente gravadas e transcritas em folhas preparadas por 02 estudantes de jornalismo da IFES (Anexo I)

O tema do roteiro da pesquisa, do qual os entrevistados não tiveram conhecimento prévio, foi constituído por duas questões sobre expectativas, ao se inscrever na disciplina, como forma de motivá-lo, ou seja, estimular o aluno para refletir sobre a disciplina Prática Contábil.

As questões subsequentes eram direcionadas ao assunto pesquisado, abrangendo os seguintes temas: Didática, Equipamentos, Organização, Perfil do Professor e Resultado, conforme apresentado no Apêndice B.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados recolhidos na investigação é a etapa crucial para atingir os objetivos previamente delineados, pois é neste momento que a capacidade de reflexão e análise crítica do investigador contribui para uma percepção ampliada do objeto a ser investigado.

Cumprida a etapa de coleta dos dados, por meio das entrevistas, foi factível passar para a fase seguinte, a análise dos dados, empregando o “procedimento analítico geral” (COLLIS e HUSSEY, 2005, p. 246). A análise dos dados é a ocasião em que o pesquisador elabora um roteiro escrito com as informações coletadas; registra as referências bibliográficas; codifica os dados; agrupa em categorias menores, de acordo com os temas e confronta os dados com a teoria estudada.

4.1. Breve Histórico da IFES e do seu Curso de Ciência Contábeis

A IFES foi criada pelo [Decreto 6.053](#), de 30 de março de 1922 e inaugurada em 28 de agosto de 1926, por seu idealizador Arthur Bernardes que, na época, ocupava o cargo máximo de Presidente da República. Em 1927, foram iniciadas as atividades didáticas, com a instalação dos Cursos Fundamental e Médio e, no ano seguinte, do Curso Superior de Agricultura. Em 1932, foi a vez de se iniciar o Curso Superior de Veterinária.

Visando ao desenvolvimento da Escola, em 1948, o Governo do Estado transformou-a em Universidade Rural, que era composta da Escola Superior de Agricultura, da Escola Superior de Veterinária, da Escola Superior de Ciências Domésticas, da Escola de Especialização (Pós-Graduação), do Serviço de Experimentação e Pesquisa e do Serviço de Extensão.

Em razão da sua sólida base e de seu bem estruturado desenvolvimento, a Universidade adquiriu renome em todo o País, o que motivou o Governo Federal a federalizá-la, em 15 de julho de 1969.

A referida IFES vem acumulando, desde sua fundação, larga experiência e tradição em ensino, pesquisa e extensão, que formam a base de sua filosofia de

trabalho. Por tradição, a área de Ciências Agrárias é a mais desenvolvida, sendo conhecida e respeitada no Brasil e no Exterior. Apesar dessa ênfase na agropecuária, a Instituição vem assumindo caráter eclético, expandindo-se noutras áreas do conhecimento, tais como Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Humanas, Letras e Artes. Trata-se de uma postura coerente com o conceito da moderna universidade, tendo em vista que a interação das diversas áreas otimiza os resultados.

Em 1999, foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), a criação do curso de Ciências Contábeis, ata nº 348 de 27 de julho de 1999, iniciando-se em 2000, e reconhecido pela Portaria do MEC nº 1.628 de 03/06/2004.

O Curso de Ciências Contábeis destina-se à formação de um profissional dotado de competência e habilidade, com postura gerencial, para atuar no vasto campo de aplicação da contabilidade, quer no âmbito público, quer no âmbito privado.

Com duração média de quatro anos e meio, o curso é desenvolvido no período noturno, com disciplinas específicas da contabilidade e outras das áreas de administração, economia, direito, métodos quantitativos, ética e legislação profissional e informática, além do estágio supervisionado obrigatório.

4.1.1 A Disciplina Prática Contábil na IFES

A disciplina Prática Contábeis foi criada no ano de 2005 para atender a Resolução CNE/CES n. 10, de 16 de dezembro de 2004, que determina que o curso de graduação em ciências contábeis deve contemplar um perfil profissional que revele a responsabilidade social de seus egressos, considerando sua atuação técnica e instrumental, articulada com diversos ramos do saber para promover a interação com outros profissionais, evidenciando o domínio das habilidades e competências inter e multidisciplinares.

É uma disciplina obrigatória no curso de ciências contábeis, cuja carga horária é 60h, tendo como pré-requisito o acadêmico ter cursado 1.800 horas/aulas na IFES.

Contempla em sua ementa:

Introdução aos seus conteúdos; informação sobre o programa de software; simulação em computador de abertura de empresa; simulação de escrituração contábil, simulação em computador da elaboração do balanço patrimonial; simulação em computador da demonstração do resultado do exercício; simulação em computador de inventários físicos; simulação em computador de análises financeiras.

Propiciar aos alunos experiências similares àquelas que eles encontrarão na prática é, portanto, fundamental para a efetividade. Nesse sentido, na disciplina Prática Contábil, foi desenvolvida a simulação de abertura de uma empresa entre os alunos matriculados na disciplina.

Segundo Sawyer et al. (2000),

uma abordagem de aprendizado que tem recebido maior atenção dos educadores contábeis é o aprendizado experiencial. O aumento no uso do aprendizado experiencial é parcialmente devido ao reconhecimento de que os métodos de ensino tradicionais geralmente não são efetivos no desenvolvimento e avaliação das habilidades que os alunos precisarão em suas carreiras futuras. Envolver os alunos em simulações reais como parte de sua experiência em sala de aula é um meio de desenvolver competências outras que as de conhecimento técnico.

As simulações foram desenvolvidas para representar um relacionamento entre o contador e o cliente, necessários aos alunos para aplicarem o conhecimento assimilado de outras disciplinas, assim como suas habilidades.

Trabalhando em grupo de quatro, selecionados pelos próprios alunos, estes criam uma empresa fictícia, onde os mesmos são os sócios, que devem definir nome da empresa, o objeto da empresa, o capital social e a participação de cada um na sociedade. Deve, também, elaborar contratos sociais, simular o pedido do CNPJ, Inscrição Estadual, Alvará de Funcionamento e outros pertinentes.

Os alunos deveriam preencher e arquivar em uma pasta os problemas identificados que surgem na constituição de uma empresa e fornecer aos clientes fictícios conselhos relativos àqueles problemas, após pesquisá-los. Essa simulação requer que os alunos investiguem a fundo as legislações relevantes.

Após este trâmite foi entregues aos alunos fotocópias de documentos, tais como, nota fiscal de compras e vendas em branco, formulários referentes a folhas de pagamento, guias de recolhimento de encargos sociais (INSS, FGTS) e impostos federais para serem utilizados na empresa simulada por eles.

Após esse processo, os alunos trabalhavam com os referidos materiais como base de dados para simular a escrituração da empresa no programa de contabilidade. A internet também podia ser utilizada para a adição de informações

atualizadas regularmente, como uma ferramenta eletrônica de pesquisa tais como o site da receita federal.

Para elucidar questões relativas às dificuldades dos alunos com o *hardware* e o *software* contou-se com um tutor para dar suporte técnico na resolução dos problemas surgidos no decorrer das aulas.

Após finalização da escrituração dos documentos elaborados pelos alunos através do programa, eram elaboradas a Demonstração do Resultado do Exercício, Balanço Social e demais demonstrações contábeis. No curso da disciplina, os alunos deveriam montar uma pasta registrando todo o trabalho feito em nome da empresa fictícia possibilitando visualizar uma empresa desde a regulamentação desta através do seu contrato social, formulários de regulamentação até as demonstrações contábeis.

Tallantyre, (1989)

“verificou que a sociedade espera que os graduados desenvolvam uma gama de habilidades em relação à comunicação, relações interpessoais e controle próprio, criatividade, tomada de decisões e solucionamento de problemas”.

Espera-se que com esta disciplina a IFES esteja preparando seus alunos para suas carreiras futuras.

Os métodos tradicionais de ensino, nos quais se baseiam praticamente as aulas teóricas, transferência de conhecimento e exames formais para se avaliar a compreensão, geralmente, não são efetivos no desenvolvimento e na avaliação dessas habilidades (WINSTEIM E BLOOM, 1998). É mais provável que o aprendizado experiencial seja mais efetivo no desenvolvimento das habilidades que os alunos necessitarão depois de graduados.

4.1.2 Infraestrutura do Laboratório de Informática

O Laboratório de Informática é um provedor de recursos e serviços para realização de trabalhos acadêmicos, sendo o microcomputador uma ferramenta e suporte técnico para todos os estudantes regularmente matriculados na disciplina Prática Contábeis. Foi criado em 2006, de forma a atender às necessidades da

disciplina, e desde então vem sendo atualizado de acordo com os avanços tecnológicos na área de informática.

É constituído de um espaço físico com 3 impressoras, 26 microcomputadores interligados numa rede, 26 mesas, quadro-branco, 01 datashow, 01 tela para o datashow, ar condicionado, para utilização por alunos do curso de Ciências Contábeis, apenas para fins acadêmicos. O Laboratório de Informática funciona diariamente, de 2^a feira a 6^a feira, das 8 h15min às 12 h, e de 14 h às 23 h.

4.2 Resultado das entrevistas

Lowman (2004) comenta que os estudantes variam muito no modo como abordam o trabalho a eles atribuído e o grau em que aplicam seus talentos intelectuais. Eles diferem nas expectativas e atitudes.

Neste capítulo serão apresentados os resultados da investigação empírica, bem como a sua respectiva interpretação dos resultados.

4.2.1 Expectativas

Neste item, serão analisados os níveis de expectativas dos entrevistados, no que se refere às suas percepções quanto à disciplina Prática Contábil.

Ao serem indagados sobre quais eram as suas expectativas ao se inscreverem na disciplina Prática Contábil, no sexto período de 2007, os estudantes apresentaram respostas que indicavam diferentes interpretações nesse contexto. Um dos entrevistados respondeu que sua intenção foi obter conhecimentos para realizar essa prática no cotidiano contábil, e por conhecer a importância desse processo para alcançar seus objetivos que é atuar na sua profissão. Outro respondeu que a prática contábil lhe deu capacidade de associar o conteúdo teórico ao conhecimento prático, ou seja, aprender de fato a trabalhar com programas da área contábil.

Outro destaque foi a ênfase dada por um entrevistado à “Prática da teoria do plano de contas com os lançamentos”. “Usar o sistema para isso, porque uma coisa é

a gente fazer manual, sempre fiz manual, no papel, outra coisa é a gente usar o computador e conciliar essa contabilidade”. (*sic*)

Os demais afirmaram que associar a prática à teoria contábil era muito importante no sentido de dar-lhes conhecimentos para realizar essa parte prática no cotidiano contábil. Um dos entrevistados que já atuava no mercado de trabalho tinha como interesse “verificar se realmente aquilo que o entrevistado fazia dentro da prática do escritório é o que aprendia na parte teórica da sala de aula da universidade”.

A importância de conhecimento e aplicação do software específico da contabilidade em substituição do trabalho manual foi relatada também como uma das expectativas dos alunos da disciplina.

A falta de experiência com o software de contabilidade e o anseio de conhecer o dia a dia do contador, assim como verificar se realmente o que faziam na prática, dentro de um escritório de contabilidade, era consoante com o conteúdo ensinado na disciplina prática contábil.

As respostas obtidas nesse item investigado são corroboradas por estudos de Hernandez et al. (2006), que afirmam que os profissionais do ensino devem estar preparados para atender as expectativas dos indivíduos que buscam constantemente o conhecimento, neles despertando o discernimento, o senso crítico e a vontade de “aprender a aprender”. Especificamente nesse destaque, Brussolo (2002) refere-se ao aluno desenvolver habilidades e estímulos para continuar o seu aprendizado e não manter-se somente com os conhecimentos adquiridos durante o curso de graduação. Vale, portanto, salientar que adotar metodologia de associação de conhecimentos teóricos com conhecimentos práticos efetivamente é uma das condições fundamentais para o aprendizado.

Quanto ao alcance das expectativas, os respondentes foram unânimes em afirmar que a intenção em adquirir conhecimentos práticos foi plenamente alcançada, assim como suas expectativas, no que se refere à disciplina.

4.2.2 Didática do ensino

A didática e a prática pedagógica adotadas pelos professores de Prática Contábil são elementos importantes a serem considerados face às necessidades de

desenvolver, aprimorar e ampliar a formação do estudante e, dessa maneira, manter a motivação permanente dos acadêmicos que cursam a disciplina.

Este item apresenta diferentes visões dos entrevistados quanto à didática e prática docente adotados pelos professores.

Indagados se a maneira de ensinar, do professor, facilitou a recepção do conhecimento, um dos respondentes destacou que deveria ter apenas aulas práticas, tendo em vista que, ao intercalar teoria e prática, o professor provocava uma dispersão dos alunos, salientando, ainda, que “os conteúdos colocados na aula teórica demoravam a ser ministrados nas aulas práticas, o que ocasionava uma divisão da turma, pois alguns alunos lembravam, outros não, atrapalhando o andamento da aula”.

Outro entrevistado relatou que “a maneira de o professor ensinar, associado à infraestrutura do laboratório, facilitou a recepção do conhecimento”. Para uma estudante, o destaque foi permitir aplicação da teoria à prática, citando como exemplo o preenchimento de documentos, especificando a guia do INSS.

No ponto de vista de outro entrevistado com experiência em escritório de contabilidade, “a aprendizagem das partes práticas foi facilitada, porque o professor não ficou muito preso à parte teórica”.

Um concluinte do curso de ciências contábeis salientou que “a maneira e a didática utilizada pelo professor foi boa por permitir a contextualização dos assuntos satisfatoriamente. Essa forma de conciliar uma aula teórica com uma prática contribuiu positivamente para melhoria do processo ensino-aprendizagem, desta disciplina”.

Um respondente em fase de preparação de ingresso no curso de mestrado destacou que o fato de trabalhar sempre a teoria associada à legislação facilitou a aquisição do conhecimento prático.

Quando questionados sobre a possibilidade de a forma do professor ensinar tornar o aprendizado mais desafiador, os entrevistados afirmaram que foi satisfatória, principalmente na parte prática, por associar a teoria à prática.

Quanto aos materiais utilizados pelos docentes, os participantes fizeram várias críticas. Um deles, estudante de mestrado, ressaltou que o programa utilizado na disciplina não era adequado, citando como exemplo a não-utilização do *software* MASTERMAQ, que é um programa muito utilizado na região. Outro disse que as planilhas, os formulários e software foram apropriados para facilitar o aprendizado

dos conteúdos desta disciplina comentando que “a gente até criou uma pasta com toda documentação produzida durante as aulas” (*sic*).

Ainda a respeito do questionamento, um dos sujeitos disse que o programa não contribui muito para o seu aprendizado, ressaltando que “o mesmo era meio aberto e dificultava a visualização do aluno para que o mesmo visse o balanço fechado ou erro de lançamento”, considerando que o programa não informava o erro de imediato.

Outro item investigado se refere à ação docente no sentido de analisar se esta contribuiu para desenvolver nos indivíduos habilidades quanto à solução de problemas.

Neste aspecto, todos responderam afirmativamente, destacando-se opiniões pessoais tais como: “o contexto teórico é bem diferente da prática porque na prática nos deparamos com algumas situações imprevisíveis”.

Outro alegou que a disciplina contribuiu para desenvolver suas habilidades na solução de problemas nos órgãos oficiais, bem como facilita o desenvolvimento de funções, principalmente de quem vai trabalhar na área.

Analisando o questionamento se a situação de aprendizado criada pelo professor propiciou conhecimento, destrezas e atitudes que não conheciam antes, todos respondentes afirmaram que sim.

Conclui-se que aulas de fundamentação teórica e aplicação na prática contribuem positivamente para o desenvolvimento de habilidades do estudante que até então não as possuíam.

A relação interdisciplinar entre o estágio e a disciplina prática contábil permitiu neste caso que os alunos conhecessem os materiais, previamente, de forma a compreender com maior clareza as suas utilizações.

O grau de importância dessa disciplina foi destacado pelo respondente ao afirmar que esta disciplina deve ser ministrada em todos os períodos, precedida de uma disciplina de introdução sobre o sistema, de tal forma a facilitar o aprendizado dos conteúdos. O trabalho com grupos menores permite mais eficiência, interação entre as pessoas, de maneira a permitir maior dinâmica e interação entre os estudantes.

Em sua maioria, os cursos de graduação em Ciência Contábil ocorrem no período noturno, sendo a maioria dos discentes pessoas que trabalham durante o dia, o que muitas vezes torna o seu rendimento acadêmico insatisfatório, pelo pouco

tempo disponível para as atividades de estudo extraclasse e de pesquisa. Assim sendo, os professores devem adotar estratégia de ensino para esses estudantes, de maneira diferenciada, permitindo-lhes maior participação em classe e em atividades de pesquisa. Devem privilegiar estratégias de ensino dinâmicas, evitando-se o modelo tradicional de ensino, de forma a tornar os alunos parte ativa do processo ensino-aprendizagem.

4.2.3 Equipamentos

Neste tópico, será analisada a percepção dos estudantes, no que se refere ao uso do laboratório de contabilidade, bem como a utilização de recursos de mídia.

Quanto à utilização de equipamentos, a ciência e tecnologia estão oferecendo atualmente, aos professores, recursos de mídia cada vez mais sofisticados e compactados, de tal maneira que uma nova nomenclatura já se encontra disponível, em dicionário da língua portuguesa, tais como software, hardware, e outros recursos pedagógicos.

Para serem devidamente explorados, os recursos audiovisuais requerem do professor conhecimento técnico pedagógico, sem o qual o material de apoio, por mais simples ou avançado que seja, torna-se inoperante. Visando resultados pedagógicos relevantes, é importante que o professor saiba trabalhar de forma planejada, de maneira a desenvolver nos alunos melhorias em suas habilidades e competências.

A estrutura e o clima político têm mudado velozmente; as informações emergentes e as tecnologias de comunicação são as novas formas de alfabetização, e as comunidades de sucesso futuras serão aquelas que, dado o acesso, estarão informadas e educadas no uso dessas tecnologias. (ELKIN, 1999).

Quando indagados se esta habilidade trouxe melhorias na sua competência, dentre os que responderam afirmativamente à questão anterior, um deles disse que só estava acostumado a lançar nota fiscal, afirma que adquiriu conhecimentos quanto ao lançamento de impostos. Outro respondeu que adquiriu competências novas, de forma a fazer lançamento no mapa fiscal o que anteriormente só era feito no *Free* contábil.

Referindo-se a equipamentos, ao serem questionados quanto ao conhecimento prévio da similaridade com o software, antes de cursar a disciplina, três dos entrevistados responderam que não tinham nenhuma experiência com software específico de contabilidade. Isto, segundo eles, prejudicou a aprendizagem dos conteúdos, assim como a possibilidade de executar o programa, atribuído ao grande número de informações a serem executadas; outros disseram já ter conhecido o *software* MASTERMAQ.

Quanto ao ambiente do laboratório, todos responderam que era estimulante, favorecendo a interação do grupo, a troca de experiências através de trabalhos feitos em equipes, pois, os que tinham experiência, ajudavam os que não a detinham, e o laboratório era visto como um escritório de contabilidade real.

A internet (web) disponibilizada no laboratório de ciências contábeis tem como objetivo auxiliar o aprendizado do aluno e encorajar o engajamento com o assunto da matéria, almejando, com isto, melhorias no aprendizado e as habilidades de resolução de problemas.

Apenas dois dos entrevistados perceberam a internet (web) disponibilizada no laboratório como recurso de mídia. Uma aluna com experiência profissional considerou importante tê-la no laboratório por poder tirar dúvidas e pesquisar durante a aula; porém, a segunda achava que perturbava sua concentração, quando outros alunos a usavam para outros fins (MSN, ORKUT). Para ela, o uso da internet deveria ser proibido durante as aulas.

Na concepção dos alunos, uma vantagem do software é a de fornecer uma organização das contas e mostrar como o balancete e as demonstrações contábeis se relacionam. Como desvantagens da utilização do software, enfocaram o trabalho mecânico que alguém faria automaticamente, porém, não saberia o que estava fazendo, ressaltando a importância de entender a aplicação dos princípios fundamentais de contabilidade.

Já um dos entrevistados disse que o conteúdo dessa disciplina “confirmou algumas coisas que já sabia; outras, realmente esclareceu dúvidas”. Afirmou que foi uma experiência boa pela possibilidade de poder utilizar um programa diferente do que estava acostumada a trabalhar. Sentiu que ampliou seus conhecimentos quanto ao programa e lançamentos.

Outro respondente ressaltou que “dentro do laboratório é que o estudante começa a entender o que é prática, mas que entende que no estágio que o sujeito aprende mesmo por ter de enfrentar problemas reais com os quais vai trabalhar”.

Outro entrevistado disse que, por não ter nenhuma experiência anterior com software de contabilidade, reconhece que houve agregação de conhecimento, mesmo que tenha sido um programa *FREE*. “Nele pude realizar algumas operações que poderiam estar gerando lançamentos, como por exemplo, elaborar um balancete”, acrescenta.

No que se refere à melhoria na criatividade que já possuíam antes, e se a utilização dos recursos de mídia trouxeram reflexões mais realistas no sucesso profissional, todos responderam afirmativamente.

Quanto aos benefícios que a disciplina proporcionou, um respondente citou a agilidade para fazer lançamentos e tomada de decisões. Disse ainda ser este um sistema prático e capaz de fornecer todas as informações necessárias ao contador.

Outro disse que o benefício geral é o conhecimento adquirido “porque em qualquer escritório de contabilidade você precisa saber lançar e estruturar dados no programa”. Um dos sujeitos respondeu que trata-se da “agilidade nos lançamentos e tomadas de decisões mais precisas em relação ao fato de a empresa estar ou não recolhendo os impostos”. E acrescentou que “Este software facilita muito a tomada de decisão, pois, ao invés de você fazer manual e ficar relendo você já clica no ícone diário informatizado e ele já mostra todos os lançamentos”.

Outro benefício apontado por um entrevistado é a possibilidade de “poder diferenciar um programa de outro para entender que, apesar de lançamentos diferentes, os mesmos não interferem no resultado final contábil”. Destaca-se em uma citação que o conhecimento deste software o ajudou muito apesar das diferenças em relação aos outros. “Aprendi com ele e posteriormente fui adequando as diferenças.”

Quanto às desvantagens que o software acarretou foi citado que este é um programa não-utilizado nos escritórios da região. Um entrevistado disse que a desvantagem está na sua forma mecanizada de se trabalhar e por ser um programa *Free* tem suas limitações específicas.

Outro sujeito disse que “desvantagem eu acho que não porque qualquer coisa que a gente aprende tem uma vantagem porque em qualquer lugar que você vai trabalhar depois você ira precisar do conhecimento deste software”. De acordo com

esta afirmativa, um entrevistado disse ainda que “hoje em dia está tudo informatizado, facilitando muito o trabalho do contador”.

Há que se destacar também as críticas que os respondentes fizeram ao programa, considerando-o como muito mecanizado, não permitindo analisar os lançamentos.

4.2.4 Organização

Neste item, é abordada a disciplina, no que se refere à carga horária, aos conteúdos, ao sequenciamento e à atualização de conteúdos.

A organização da disciplina, no que se refere à carga horária segundo os entrevistados, foi extremamente criticada. Responderam ser o tempo de aula muito limitado, o que revela ser esta carga horária insuficiente, considerando que a alocação de 60 horas aulas em relação à carga horária total do curso se apresenta de forma reduzida e insuficiente para a transmissão e assimilação do conhecimento. Desta maneira, sugeriram estudos no sentido de ampliação de disciplinas técnicas de forma a permitir melhor sequenciamento dos conteúdos. Um deles afirmou que “dá para assimilar os conteúdos, contudo o aluno que não possui experiência anterior terá mais dificuldades, pois é muita informação”.

Um dos respondentes disse que a prática deve ser oferecida aos estudantes desde o primeiro dia de aula, e que a carga horária foi insuficiente ao que se pretende com a disciplina. Prosseguindo, um deles falou que o curso com 4 horas aulas semanais é insuficiente, por não permitir que conteúdos sejam mais explorados e aprofundados.

Ademais, é comum na disciplina prática contábil a presença de alunos que não conhecem software de contabilidade com outros alunos que já fizeram estágios em contabilidade, assim como, com estudantes que já trabalham como auxiliares de contabilidade. Essa heterogeneidade de sujeitos demanda mais tempo para ministrar a disciplina em análise, ao se levar em consideração as individualidades.

Para o professor envolvido no ensino dessa disciplina prática e que utiliza programa computacional, deve-se buscar a desenvolver a maximização da habilidade dos alunos em localizar, avaliar, entender e analisar os diversos recursos

que são oferecidos. Isto pode se tornar uma atividade consumidora de tempo, mas certamente essencial a um ambiente de aprendizado holístico.

A forma de apresentação do conteúdo da disciplina Laboratório de Contabilidade possibilitou a interdisciplinaridade com outras disciplinas como, por exemplo, Contabilidade Básica, Teoria da Contabilidade, Contabilidade de Custos e Contabilidade Gerencial. Isto veio contribuir ainda na área da Contabilidade Tributária, ao permitir a elaboração das guias de INSS, FGTS e impostos federais. O que vale destacar foi a percepção de um dos entrevistados, quanto a importância de a disciplina ser trabalhada com um sistema de contabilidade integrado.

Sintetizando-se as falas dos respondentes, estes entendem que a disciplina deveria ser mais explorada e seus conteúdos aprofundados, principalmente os conteúdos específicos, de maneira a associar a teoria com a prática. A utilização de computadores compatíveis com o número de alunos precisa ser levada em consideração, tendo em vista o fato de este procedimento facilitar a assimilação dos conteúdos ministrados.

Complementando este item, um dos entrevistados que não tinha experiência com o software criticou a carga horária oferecida para a disciplina, dizendo ser o tempo insuficiente para encerrar todos os lançamentos, tais como, fechar balanço e conferir se a contabilidade estava completa.

No que diz respeito ao sequenciamento dos conteúdos, os respondentes responderam afirmativamente. Um deles salientou que esta ordenação de conteúdos permitiu-lhe perceber a empresa desde sua constituição até os lançamentos de rotina.

O fato relatado por um deles se refere à forma de como se constitui uma empresa, o que fazer em termos de escrituração, simulação de compras de materiais, vendas, pagamentos de impostos e de funcionários de maneira sequenciadas.

Os conteúdos apresentados vieram solidificar as experiências pessoais dos respondentes, principalmente àqueles que não possuíam experiência alguma.

A interdisciplinaridade entre as matérias foi percebida de forma bastante clara pelos entrevistados. Um deles afirma a importância da percepção de, ao constituir uma empresa, como se relaciona esta com a Contabilidade Básica, bem como, com a teoria da contabilidade, Contabilidade de Custo e Contabilidade Gerencial. A visão

interna e externa para avaliação de mercado foi outro item importante a ser considerado.

Ao que se refere ao ambiente de laboratório e a disposição dos equipamentos, os estudantes enfatizaram a excelência dos computadores, a possibilidade de uso de máquinas para todos os alunos e a climatização do ambiente, assim como a forma em que foram dispostos os aparelhos de tal maneira que um podia ajudar o outro. Houve quem afirmou que os equipamentos proporcionaram uma percepção mais realista na formação profissional. Um dos respondentes disse que o ambiente de laboratório era “legal” e que seria interessante rever a disposição dos equipamentos de forma a adequá-los ao espaço físico.

4.2.5 Quadro – Perfil do professor

Ao analisar o perfil do professor da Disciplina Prática Contábeis, muitas vezes, o entrevistado confunde o perfil do professor que eles efetivamente tiveram com o do professor que eles gostariam de ter tido.

Quando se propôs o perfil do professor da área contábil, quanto à experiência no mercado de trabalho, os entrevistados responderam afirmativamente, sendo destacado por um deles que a experiência do professor é essencial, uma vez que esta disciplina tem o objetivo de se aproximar o máximo possível da realidade do profissional. Com certeza, a visão de quem já esteve no mercado é importante no sentido de estabelecer significados mais concretos na contextualização dos exemplos.

Ao serem questionados a respeito de a mentalidade do professor ser contemporânea e se estava de acordo com a dinâmica empresarial, todos responderam afirmativamente, tendo um deles destacado a importância de o professor estar sempre atualizado, porque contabilidade é algo que todo dia está mudando.

Ao indagar a respeito das características mais valorizadas no professor, os entrevistados disseram que o professor deve ser “atencioso, ter competência para ministrar a disciplina, ter experiência, dedicação e pertinência no desenvolvimento da matéria.

Outro destaque considerado por um dos respondentes se refere ao fato de o professor estar consciente do compromisso de ensinar conteúdo da disciplina de maneira serena e sem arrogância; ele deve estar sempre disposto a tirar dúvidas naquela matéria. Ainda ressaltou que ele deve estar atento aos questionamentos dos alunos devendo acompanhá-los e estimulá-los sempre. Finalmente um respondente disse que o professor deve ter objetividade na hora de explicar conteúdos, dar exemplos e ser flexível.

A experiência do professor responsável pela disciplina é muito importante. Isto evita que esta tenha um volume maior de abordagens teóricas em detrimento da prática. No entendimento dos entrevistados, o docente deve ser capaz de, em sua contextualização, aproximar-se ao máximo da situação vivida nos escritórios.

Ressaltou-se a mentalidade contemporânea relacionada com a dinâmica empresarial, bem como estar atualizado com as leis e os programas de contabilidade, que mudam frequentemente, é essencial.

4.2.6 Resultado/Benefício

Ao investigar os resultados/benefícios do processo de ensino aprendizagem a primeira pergunta abordou o efeito dos recursos tecnológicos como meio facilitador da aprendizagem. Os entrevistados reconheceram que sim, porém, um deles destacou que “o programa não era adequado, mas, por meio dele, era possível visualizar e analisar melhor os demonstrativos contábeis” (*partim*).

Outro respondente afirmou que “como não conhecia nenhum software de contabilidade tive a oportunidade de ver e conhecer, entrar neste universo contábil”. Outro destaque a ressaltar é a percepção de um aluno que relata que “a disciplina deveria ser trabalhada com um sistema completo e em rede, salientando que com o programa integrado faríamos todo o processo desde o específico como a folha de pagamento como também o de contabilidade”.

No que se refere à utilização do *software* de contabilidade e seus efeitos no desenvolvimento de novas competências, criatividade e habilidades que não possuíam, três dos entrevistados que já tinham experiência com o software específico de contabilidade destacaram respectivamente: “o contato com certos aspectos da realidade de um escritório que eu não conhecia” (1), “ eu não estava

acostumado com a rotatividade de cálculo de impostos pois eu só tinha a experiência de fazer lançamento fiscal” (2), “eu tinha experiência apenas com empresas tributadas pelo SIMPLES e no laboratório trabalhamos com empresas fictícias tributadas pelo Lucro Real e Lucro Presumido” (4). Já os sem experiências salientaram quanto à compreensão dos negócios, a facilidade de efetuar lançamentos de dados ensinados na teoria, destacou ainda, o desenvolvimento da habilidade no manuseio do programa. Todavia, criticou a criatividade alegando que o tempo não foi suficiente para esse fim.

Na sequência, foi investigado o desenvolvimento de competência, criatividade e habilidades já existentes associados à experiência com o software específico de contabilidade contribuiu para facilitar o aprendizado, todos foram unânimes em responder afirmativamente. Três dos entrevistados responderam, respectivamente: (1) “Só consegui fazer um estágio após cursar esta disciplina.” (2) “Sim mesmo tendo experiência, a troca de conhecimentos entre colegas durante as aulas, que um ajudava o outro no aplicativo, onde as dificuldades variavam de um aluno para o outro podia então ajudar, então de alguma maneira estávamos sempre aprendendo” (4), “Eu já tinha habilidades, mas sempre há dúvidas e você aprende sempre algo novo”.

Quanto ao se investigar se a organização dos conteúdos da disciplina pelo professor resultou mudanças de comportamento dos estudantes do curso de graduação em ciências contábeis, todos responderam afirmativamente, entretanto, os com experiência destacaram respectivamente “que após cursar a disciplina percebi ter um conhecimento maior, pois logo a seguir cursei as disciplinas contabilidade gerencial e Viabilidade Econômica que me possibilitou ter uma visão de uma empresa e compreender a sua estrutura. Compreendi, também, o que a impacta macroeconomicamente. A disciplina prática contábil me deu este aporte enquanto os estudantes do curso de economia e administração que não a cursaram não tiveram o conhecimento profundo para elaborarem os relatórios exigidos nestas disciplinas” (*partim*) (1), “antes desta disciplina eu não conseguia vislumbrar a aplicação de todo conhecimento adquirido no decorrer do curso, tinha percepção de que o curso somente preparava o aluno para serem professor e pesquisador. “Entretanto ao longo da disciplina pude aplicar os conhecimentos das outras disciplinas o que me fez ver que realmente o contador precisa ter conhecimento de tudo” (*partim*). (4).

Já os entrevistados sem experiência disseram “após trabalhar com o software específico da área passei a olhar a contabilidade de uma maneira mais clara e precisa” (*partim*), “por não ter nenhuma experiência prática minha expectativa quanto ao curso foi boa”, “Percebi que a profissão de contador não é tudo mil maravilhas, tal como eu tinha visão. Tem problemas, tem imperfeição no próprio sistema de contabilidade. Mas, como foi uma disciplina que apresentou novidades, tive a iniciativa de buscar novas informações e ver como funcionam outros tipos de programa”.

Outro dado investigado foi se os problemas e situações simulados na disciplina estimularam a reflexão do estudante e sua capacidade de pensar. Todos foram unânimes em somente responder afirmativamente, entretanto vale destacar que um entrevistado “percebeu outros horizontes para o contador além do escritório de contabilidade” (*partim*), o outro “pode compreender os objetivos das teorias e dos princípios contábeis estudadas no início do curso, pois se não aplicá-los fica fácil de manipular e falsificar os dados da contabilidade” (*partim*).

Igualmente, responderam quando questionados, se a disciplina proporcionou conhecimento para acompanhar a evolução contábil no âmbito profissional. Um deles disse “que a contabilidade é um instrumento para tomar decisões, mas se ela fosse utilizada mais adequadamente teria mais eficiência nas pequenas e médias empresas”, “a contabilidade está mudando todo dia, mas, na época da disciplina estava bem de acordo, porém hoje muita coisa já mudou” (*partim*). “sim, porque até então eu não tinha aprendido nada da área tributária (INSS, FGTS etc), então neste aspecto contribuiu muito”. (*partim*), “não só da contabilidade em geral, mas também de sua aplicação no mercado”, “A disciplina nos mostrou quais órgãos e legislação pertinentes às informações necessárias para o funcionamento de uma empresa” (*partim*), “Eu acho que a forma de trabalhar em conjunto e de estar ali em equipe trabalhando, compartilhando informação nos leva a visualizar o meio profissional”.

Outro questionamento investigado foi se as atividades desenvolvidas na disciplina ajudaram os estudantes a compreender a importância dos Princípios Fundamentais na aplicação prática da contabilidade. Responderam afirmativamente e um dos entrevistados disse que desde o início da disciplina a intenção é esta, e ele procurou relacioná-los.

Um deles ressaltou que “consegue fazer uma associação e visualização dos princípios, como realmente funciona na prática, conseguindo aplicá-lo na simulação prática”.

Investigando se o conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidades em desenvolver nos estudantes habilidades técnicas e capacidade crítica houve unanimidade dos respondentes que responderam afirmativamente um dos alunos enfatizou: “no meu estágio quando fui obrigado a trabalhar sozinho... como eu tinha conhecimento das rotinas de lançamentos e apesar do programa ser diferente fui capaz de realizar o trabalho sem grandes dificuldades na técnica” (*partim*). Outro “...esta é a única disciplina que utiliza um sistema contábil em que os alunos trabalha a parte mais técnica dos lançamentos, então, eu acho que deveria ter mais disciplina trabalhando um pouco mais de técnica”.

Outro item investigado se refere ao desenvolvimento da potencialidade empreendedora dos estudantes, face ao conhecimento adquirido na disciplina. Neste quesito nem todos responderam afirmativamente, um deles, no entanto, disse: “sim, eu não deixaria de trabalhar na área, lógico, mas acho muito mecânico o trabalho do contador por isso parti para a área acadêmica”. Outro disse, “talvez sim abre um leque para trabalhar diretamente no escritório de contabilidade pelo conhecimento adquirido” e por último afirmou, “sim, querer buscar inovações para gerar informações com qualidades”.

4.3 Síntese dos resultados

No Quadro 2, está apresentada a síntese dos temas, das respostas e da literatura pertinente.

Quadro 2 - Síntese dos resultados

TEMA	RESPOSTAS	LITERATURA
EXPECTATIVA	<ul style="list-style-type: none"> ● “Associar a teoria com a prática”. ● “Como seria trabalhar os lançamentos com o software de contabilidade o que fazia manualmente” (<i>sic</i>). ● “Porque eu não tinha nenhuma experiência de verdade com software de contabilidade” (<i>sic</i>). 	Brussolo, 2002, Hernandez et al., 2006, Nossa, 1999 CNE/CES nº. 10, 2004, Militão e Militão, 2000; Gil, 1994, Beppu, 1984

	<ul style="list-style-type: none"> • “Conhecer o dia a dia do contador”. • “Verificar se realmente o que eu fazia de prática dentro do escritório de contabilidade era como eu aprendia na teoria dentro da sala de aula” (<i>sic</i>). 	
DIDÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> • “Conciliar uma aula teórica à prática contribuiu positivamente” (<i>sic</i>). • “Essa disciplina deveria ser ministrada em todos os períodos” (<i>sic</i>). • “Desenvolver habilidades que eu não possuía” (<i>sic</i>). • “Todos materiais que eu vi no estágio foram utilizados na disciplina Prática Contábil” (<i>partim</i>). • “Na prática às vezes depara com algumas situações que não estão previstas” (<i>sic</i>). • “Deveria ter uma disciplina de introdução sobre sistema, para depois praticar os lançamentos, era a primeira vez que trabalhava com sistema, então, até aprender o ritmo do sistema prejudicou a minha assimilação do conteúdo”. (<i>sic</i>). • “Trabalhar com os formulários contábeis e documentos utilizados na contabilidade contribuíram para a materialização do que era visto na teoria”. • “Foi a única vez que fiz uma disciplina prática durante cinco anos de curso”. • “Foi uma experiência boa utilizar outro programa diferente do que eu já estava acostumada a trabalhar”. • “A forma de trabalhar com grupo menor fez com que houvesse mais eficiência e a interação entre as pessoas”. 	<p>Silva, 2001 Souza e Ortiz, 2006 CNE/CES Nº. 10, 2004 Ausubel, 1976 Gagné, 1974 Freire, 1996 Freinet, 1993 Godoy, 1988 Bordenave e Pereira, 1995 Kraemer, 2008 Morais et al. 2008 Unesco, 2006 Nérici, 1997 Andrade, 2002 Azanha, 1987 Singer e Weissman, 2008, Triqueiro, 1995 Gil, 1994 Favarin, 1997 Marion, 2001. Hernandes et al., 2003, Nossa, 1999</p>
EQUIPAMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> • “Não tinha nenhuma experiência com software”. • “O ambiente do laboratório era motivador”. • “Favoreceu a troca de experiência através de trabalho feito em equipe, pois os que já tinham experiência ajudavam os que ainda não tinham”. • “Acho que não deveria ter internet no laboratório, pois, quando um colega a utilizava para acessar <i>msn</i>, <i>orkut</i> perturbava a minha concentração na aula”. • “Ter a internet disponível no laboratório para o aluno ajuda muito não só na pela disciplina como também para pesquisar e tirar alguma dúvida surgida durante a aula”. • “Eu não estava acostumada a fazer cálculo de imposto só fazia lançamentos contábeis”. • “A prática simulando a contabilidade é mais 	<p>CNE/CES Nº. 10, 2004 Gil, 1994 Tanabe, 1977 Beppu, 1984 Brito, 2002 Hajj e Rossetto, 2002, Borba, 2002 Marion, 2001.</p>

	<p>interessante do que ficar na sala de aula fazendo lançamentos manuais”.</p> <ul style="list-style-type: none"> • “O ambiente de laboratório se assemelha com um escritório é mais real”. (<i>sic</i>). • “Trabalhou desde o começo de como se abre uma empresa, simulando como se os alunos fossem os sócios da empresa, elaboração de contrato, folha de pagamento então foi possível visualizar uma empresa num todo”. (<i>sic</i>). • “A utilização do software torna o trabalho mecânico sem entender o lançamento que você está realizando, esquecendo dos princípios contábeis”. (<i>sic</i>). • “Deveria ter utilizado um programa que é mais utilizado na região”. (<i>sic</i>). 	
ORGANIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • “Insuficiência da carga horária”. • “A prática deveria ser colocada desde o primeiro dia de aula do curso”. • “Deveria ser ministrada em dois períodos sendo período I estrutura da empresa e no II a parte mais avançada”. • “O aluno que vem sem experiência tem mais dificuldade porque é muita informação para aplicar na prática”. • “Possibilitou a interdisciplinaridade entre as disciplinas Contabilidade Básica, Teoria da Contabilidade, Contabilidade de Custos e Contabilidade Gerencial”. (<i>Partim</i>) • “Contribuiu na área da contabilidade tributária quando da elaboração da guia de INSS, FGTS, conteúdos que eu nunca tinha visto”. • “Vi a importância de a disciplina ser trabalhada com um sistema integrado”. (<i>sic</i>) • “Como os computadores era próximo um do outro os alunos se comunicavam tirando dúvidas acompanhando melhor a explicação do professor”. (<i>sic</i>) 	<p>Nossa, 1999 Costa, 2003 Machado, 1982 Cne/ces nº. 10, 2004 Negra, 2003 Fazenda, 2007 Carvalho, 2005 Serrano, 2003 Luck, 2002 Eagand et al, 2002 Caviglia-Harris, hatley, 2004 Leff, 2001 Apple e Beane, 2000 Garcia, 2006 Freinet, 1993 Freire, 1996 Gagné, 1974 Iudícibus e Marion, 1986 Santos, 2003 Sant’ana et al., 1975 Hernandes, Peleias, Barbalho, 2003 Marion, 1985 Souza e Ortiz, 2006</p>
PERFIL DO PROFESSOR	<ul style="list-style-type: none"> • “A experiência do professor na parte prática é essencial para lecionar esta disciplina”. • “O professor que está vivenciando a rotina de um escritório de contabilidade, está estudando as leis, os programas que todo dia 	<p>CNE/CES nº. 10, 2004 Schwez, 1995 Vasconcelos, 1996 Schon, 2000 Rey, 2002</p>

	<p>está mudando”.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● “O professor deve ser dedicado e cumpridor do seu papel de ensinar com serenidade”. ● “O professor deve ser objetivo na hora explicar e contextualizar sempre”. ● “Como o perfil dos alunos do curso de ciências contábeis é de quem trabalha o dia todo, o professor precisa estar sempre motivando-os”. 	<p>Nossa, 1999 Gil, 1994 Marion, 2001.</p>
<p>RESULTADO/ BENEFICIO</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● “O programa utilizado na disciplina era muito ruim, porém, por meio dele era possível visualizar e analisar melhor os demonstrativos contábeis”. <i>(sic)</i> ● “Os recursos tecnológicos facilitaram o aprendizado”. ● “Como eu não conhecia nenhum software tive a oportunidade de ver e conhecer, vivenciar o universo contábil”. <i>(sic)</i> ● “Os formulários utilizados na disciplina materializavam o que era visto na teoria”. ● “Só consegui fazer um estágio após cursar esta disciplina”. ● “Hoje na contabilidade já trabalha com os programas integrados e como na disciplina não era integrados não foi possível fazer esta interação”. <i>(sic)</i> ● “Com o programa integrado faríamos todo o processo contábil desde o específico como folha de pagamento como também o de contabilidade”. ● “A disciplina prática possibilitou ter contatos com certos aspectos da realidade de um escritório que eu não conhecia”. <i>(sic)</i> ● “Eu só tinha experiência com empresas tributadas pelo SIMPLES, sendo que no laboratório trabalhamos com empresa Lucro Real e Lucro Presumido”. <i>(sic)</i> ● “Após a disciplina fiz um estágio e percebi que o ambiente já me era familiar quanto ao software de contabilidade”. <i>(sic)</i> ● “A grande contribuição da disciplina foi que após fiz a disciplina Viabilidade Econômica e foi ela que me deu aporte para compreender o que impacta macroeconomicamente uma empresa”. <i>(sic)</i> ● “Antes dessa disciplina achava que o curso estava preparando os alunos mais para ser professor e pesquisador do que para ser contador, porém após cursá-la percebi que não”. <i>(sic)</i> ● “Após a disciplina senti motivado a buscar novas informações e conhecer novos programas e como eles funcionam”. ● “Após a disciplina percebi que ser contador 	<p>Rollo e Pereira, 2003 Marion, 1983 Marion, 1998 Marion, 1996 CNE/CES nº. 10, 2004 CNE/CES nº. 776, 1997 Ausubel, 1976 Cooper e McIntyre, 1996 Iudícibus e Franco, 1983 Marcovitch, 1998 Nérici, 1997 Nérici, 1992 Santos, 2003 Litwin, 1997 Martinelli, 1987 Kirby, 1995 Suaia, 1995</p>

	<p>não é só ficar presa em um escritório, mas também posso dar consultoria, abriu meu horizonte”. (<i>sic</i>)</p> <ul style="list-style-type: none"> ● “Quando trabalha a prática relacionamos os lançamentos, princípios e a teoria estudada no início do curso e percebemos que se não aplicá-los fica mais fácil manipular e falsificar os dados da contabilidade”. (<i>sic</i>) ● “A contabilidade é um instrumento de tomada de decisão, se fosse utilizada mais adequadamente teria mais eficiência nas pequenas e médias empresas”. ● “Percebi ao longo da disciplina que o profissional de contabilidade deve acompanhar dia a dia as informações e mudanças ocorridas na legislação”. (<i>sic</i>) ● “Deu para entender melhor o curso de contabilidade e sua aplicação no mercado de trabalho”. ● “À medida que trabalha no sistema, consegue-se associar a teoria com a prática e desta associação surge novas idéias”. (<i>sic</i>) ● “Conhecer os órgãos responsáveis pela emissão dos documentos que uma empresa precisa ter para funcionar”. 	
--	--	--

O estudo de caso investigado neste estudo demonstra que os alunos compreendem e valorizam habilidades no solucionamento de problemas, nas tomadas de decisões, na comunicação (tanto escrita quanto oral), bem como habilidades de trabalhar em grupos (destreza nas relações interpessoais e controle próprio). Usar e desenvolver essas habilidades são considerados os objetivos educacionais-chave neste estudo de caso.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O objetivo deste estudo foi analisar, a partir da percepção discente, a disciplina “Prática Contábil”, conforme a matriz curricular do curso de graduação em Ciências Contábeis, para determinar os benefícios da pedagogia experiencial e identificar o papel dos docentes e dos recursos educacionais, visando, em última análise, aperfeiçoá-la e adequá-la às necessidades do profissional que o curso pretende formar.

Foi possível perceber que é de fundamental importância a utilização do laboratório contábil para que o aluno seja capaz de construir o raciocínio contábil necessário à sua inserção no mercado de trabalho, por permitir inclusão de estratégias que favoreçam e incentivem a participação do estudante do processo ensino-aprendizagem.

Ao professor compete não somente a transmissão do conhecimento, mas atuar como agente facilitador na condução desse processo.

É fundamental que o futuro profissional da contabilidade tenha conhecimentos balizados da teoria, associados a uma prática efetiva, interligada à boa capacidade de interpretações dos dados contábeis.

Os cursos de Ciências Contábeis, além de trabalhar os conhecimentos específicos, precisam levar o discente a compreender que a ciência na sociedade moderna exige uma nova visão de mundo.

Conclui-se que aula de fundamentação teórica e aplicação na prática contribuem positivamente para o desenvolvimento de habilidades do estudante que, até então, não as detinha, o que instiga salientar que adotar metodologia de associação de conhecimentos teóricos com conhecimentos práticos efetivos é uma das condições fundamentais para a efetivação do aprendizado.

A relação interdisciplinar entre o estágio e a disciplina prática contábil foi o que permitiu neste caso que os alunos conhecessem previamente os materiais e recursos inovadores, de forma a compreender com maior clareza a sua utilização.

O grau de importância dessa disciplina foi destacado pelos participantes, ao afirmarem que esta disciplina deve ser ministrada em todos os períodos, precedida

de uma disciplina de introdução sobre o sistema, de tal forma a embasar e facilitar o aprendizado dos conteúdos.

Sendo a maioria dos cursos de Ciências Contábeis noturnos, seria interessante que os coordenadores e professores de cursos procurassem criar alternativas de incentivos para o aprendizado do aluno trabalhador e estudante noturno, pois, assim, os docentes e discentes construirão, em sintonia, espaços entre saber pensar e saber aprender, sempre conquistando a autonomia, dentro de processo permanente de inovação crítica e criativa.

Ainda, com foco no fato de se tratar de cursos predominantemente noturnos, há necessidade de os professores adotarem estratégias de ensino diferenciadas, para atender as particularidades dos estudantes, permitindo-lhes maior participação em classe e em atividades de pesquisa, privilegiando estratégias de ensino dinâmicas, e evitando-se o modelo tradicional de ensino. Desse modo, haverá oportunidade de todos os alunos se tornarem parte ativa do processo ensino-aprendizagem.

É importante que os Cursos de Ciências Contábeis fortaleçam a articulação da teoria com a prática preferencialmente diferente e não fragmentada, pois a construção do conhecimento acontece num contexto dinâmico e nunca em perspectiva passiva e estática.

O Ensino Superior, pautado pela transmissão de conhecimento, tem proporcionado pouca significação para os alunos, pois utiliza a memorização, que facilmente será esquecida, e o conhecimento supostamente ministrado fica fracionado, descontextualizado e sem valor para o aprendiz.

Para serem devidamente explorados, os recursos audiovisuais requerem do professor conhecimento técnico pedagógico sem o qual o material de apoio, por mais simples ou avançado que seja, torna-se inoperante.

Por fim, esses achados revelam necessidade de atenção a várias questões em que outras pesquisas são imprescindíveis, particularmente na área de avaliação.

Espera-se com este estudo de caso alcançar as respostas para as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – O professor ideal de Ciências Contábeis é aquele que favorece ao aluno “aprender-a-aprender”.

Hipótese 2 – O valor pedagógico da relação interdisciplinar, aplicado na contabilidade, se beneficia de metodologia desenvolvida em conjunto com outras disciplinas.

Hipótese 3 – A compreensão conceitual e o aprendizado da técnica engajam os alunos no aprendizado experiencial.

Hipótese 4 – A carga horária de aulas práticas afeta a assimilação dos conhecimentos.

Concluindo, a maneira pela qual o laboratório de contabilidade é integrado dentro das práticas de ensino e aprendizagem dos acadêmicos terá impacto direto no sucesso de implantação desta estratégia contemporânea no ensino.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRADE, A. S. "Sociodrama Educacional: Grupos de Professores, Alunos e Pais". *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 3*, p: 119-126. 2002.

AUSUBEL, D.P. *Significado y aprendizaje significativo*. In: _____. *Psicologia educativa: un punto de vista cognoscitivo*. Mexico: Editorial Trillas, 1976. p. 55-107. 1976

AZANHA, J. M. P. *Educação, alguns escritos*. São Paulo: Nacional, 1987.

APPLE, M., BEANE, J. *Escolas democráticas*. Porto: Porto Editora, 2000.

BEPPU, C. I. *Simulação em forma de "Jogo de Empresas" aplicado ao ensino da Contabilidade*. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado).

BORBA, F.S., *Dicionário de usos do português no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BORGES, M. V. Buscando a característica de ensino profissional absolutamente do conhecimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, 16., 2000, Goiânia. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Contabilidade*. Goiana: GO, 2000.

BORDENAVE, J. D., PEREIRA, A. M. *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*. 15. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995,.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. *Resolução n.º 03 de 5 de outubro de 1992*. Estabelece os mínimos conteúdos e duração do curso de graduação em Ciências Contábeis. Diário Oficial da União, Brasília, DF. P.14.721, seção 1, 20 out. 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CES n.º 10*, de 16 de dezembro de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de graduação em Ciências Contábeis, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces10_04.pdf. 20/09/2009. Acessado em 20/09/2009.

BRASIL. Lei n. 7.988, de 22 de setembro de 1945. Dispõe sobre o ensino superior de Ciências Econômicas e Ciências Contábeis e Atuariais. Disponível em: <HTTP://www.senado.gov.br>. Acessado em 12/07/2009.

BRASIL. Lei n. 1401, de 31 de julho de 1951. Inclui no curso de Ciências Econômicas, a cadeira de História Econômica Geral e do Brasil, e desdobra o curso de Ciências Contábeis e Atuarias. Disponível em: <HTTP://www.senado.gov.br>. Acessado em 12/07/2009.

BRASIL. Parecer CNE/CES 210/04 (08/04/2004) - Aprecia a indicação CNE/CES 1/04, referente à adequação técnica e revisão dos pareceres e/ou resoluções das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação. Disponível em: <HTTP://www.senado.gov.br>. Acessado em 12/07/2009.

BRASIL. Parecer CNE/CES 776/97 (03/12/97) Orienta sobre as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação. Disponível em: <HTTP://www.senado.gov.br>. Acessado em 12/07/2009.

BRASIL. Resolução CNE/CES 10/04 (16/12/2004) - Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Ciências Contábeis. (retificação efetuada em 17/03/2005). Disponível em: <HTTP://www.senado.gov.br>. Acessado em 12/07/2009.

BRITO, J. A. P., A revolução da tecnologia de informação na educação. *Conferência*. III Congresso Pernambucano de Educadores Cristãos. Recife. 2002.

BRUSSOLO, F. Professor de Contabilidade: habilidades e competências. In: I.R. PELEIAS. (org.) *Didática do ensino da Contabilidade*. São Paulo: Saraiva, 2002.

CARVALHO, A. *Os caminhos perversos da educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula*. Cuiabá: Edufmt, 2005.

COLLIS, J., HUSSEY, R. *Pesquisa em administração*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COOPER, D. R., SCHINDLER, P. S. *Métodos de pesquisa em administração*. 7. ed. São Paulo: Bookman, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
RESOLUÇÃO CNE/CES 10, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Ciências Contábeis, bacharelado. Disponível em: www.mec.gov.br – acesso em 21/01/2006.

COOPER, P., McINTYRE, D. *Effective teaching and learning: teachers' and students' perspectives*. Buckingham, Inglaterra: Open University Press, 1996.

COSTA, J.F., *Estudo exploratório sobre a proposta curricular para o curso de ciências contábeis de uma Instituição de Ensino Superior em São Paulo: avaliação de sua aderência a uma abordagem sistêmica*. 2003. Dissertação em Controladoria e Contabilidade Estratégica) – Centro Universitário Álvares Penteado – Unifecap, São Paulo.

EAGAND, P., COOK, T., JOERES, E. Teaching the importance of culture and interdisciplinary education for sustainable development. *International Journal of Sustainability in Higher Education*. v. 3, n.1, p. 48-66, 2002.

EDWIN Mellen Press, New York, 1993. 438 p.

EL HAJJ, Z. S., ROSSETTO, V. Educação presencial e não presencial. Trabalho – *Doutorado em Contabilidade* – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

ELKIN, J. 'The Role of the Librarian in Learning and Teaching in Higher Education', *Relay* 48: 7–9., 1999.

FAVARIN, T.C.V., *Ciências contábeis em nível superior: um estudo sobre a formação profissional*. 1997. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCCAMP, Campinas, 1997.

FAZENDA, I. C. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. São Paulo: Papirus. 1994.

FAZENDA, I.C.A. (Org.) *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2007.

FRANCO, H., Aprimoramento técnico e cultural de professores e valorização profissional. 1992. In: *50 anos de contabilidade*. São Paulo: Atlas, 1993, p. 804 – 817.

FREINET, C. *Education through work: a model for child centered learning*. 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNÉ, R. M. *The Conditions of Learning*. 3. ed. Holt, Rinehart e Winston. 1974.

GARCIA, J. As práticas invisíveis da interdisciplinaridade. In, FAZENDA, I. (Org.) *Interdisciplinaridade na formação de professores: da teoria à prática*. Canoas: ULBRA, 2006.

GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de pesquisa social*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p

GIL, A.C. *Didática do ensino superior*. São Paulo: Atlas, 2006.

GODOY, A. S. *Didática para o ensino superior*. São Paulo: Iglu, 1988.

GODOY, A. S. e CUNHA, M. A. V. Ensino em pequenos grupos. In: MOREIRA, D. A.(org.). *Didática do ensino superior: técnicas e tendências*. São Paulo: Pioneira, 1997.

HERNANDES, D.C.R., PELEIAS, I.R., BARBALHO, V.F., O professor de contabilidade: habilidades e competências. In *Didática do ensino da contabilidade*. Org. Ivam Ricardo Peleias. Ed Saraiva, 2006. S.P. p. 61- 119, 2006.

IUDÍCIBUS, S. *Teoria da Contabilidade*. São Paulo: Atlas. 1980.

IUDÍCIBUS, S., MARION, J.C., As faculdades de ciências contábeis e a formação do contador. *Revista Brasileira de Contabilidade*. Rio de Janeiro. N. 56, p. 50-56 – 1986.

IUDÍCIBUS, S., FRANCO, H. A. *A evolução dos princípios contábeis no Brasil*. São Paulo: Atlas, 1980.

KIRBY, A. *150 Jogos de treinamento*. São Paulo: T&D Editora, 1995.

KRAEMER, M. E. P. *Uma reflexão sobre o Ensino da Contabilidade*. <http://www.gestiopolis.com/canales5/fin/reflexobre.htm> (consultado em 01/12/2008).

LAFFIN, M. *De contador a professor: A trajetória da docência no ensino superior de contabilidade*.UFSC: Imprensa Universitária. (2005).

LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001, 240p.

LITWIN, Edith. *Tecnologia educacional: política, históricas e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOWMAN, Joseph. *Dominando as técnicas de ensino*. Tradução de Harue Ohara Avritscher. São Paulo: Atlas, 2004.

LÜCK, H. *Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos*. 10 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, N. *O Ensino de contabilidade nos cursos de Ciências Contábeis na Cidade de São Paulo*. São Paulo, 1982. Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCOVITCH, Jacques. Da exclusão à coesão social: profissionalização do terceiro setor. In: IOSCHPE, E. *et. al. 3º Setor: desenvolvimento social sustentado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARION, J.C., Aspectos do Ensino da contabilidade nos EUA. *Cadernos de Estudos*. Fipecafi – FEA/ USP. São Paulo. 1992.

MARION, J.C., MARION, M. M. C. A Importância da Pesquisa no Ensino da Contabilidade. *Boletim do IBRACON*, São Paulo: IBRACON n. 247, dezembro, 1998.

MARION, J.C., Metodologia do ensino da contabilidade. *Revista Brasileira de Contabilidade*. Ano XIII, n. 44, janeiro-março/1983.

MARION, J.C., *O ensino da Contabilidade*. 2 ed., São Paulo: Atlas, 1996.

MARION, J.C., PROCÓPIO, A.M. Uma proposta metodológica no ensino dos princípios fundamentais de contabilidade na disciplina de contabilidade de custos. *Revista Contabilidade Vista & Revista*. Belo Horizonte, v. 9, n. 4, p. 23-19, Dez. 1998.

MARTINELLI, D. P. *Dissertação (Mestrado)*. A utilização dos jogos de empresas no ensino de administração. São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 1987.

MATTAR, F.N. *Pesquisa de Marketing: Metodologia, planejamento, execução e análise*. São Paulo: Atlas, 1994.

MILITÃO, A., MILITÃO, R. *Jogos, dinâmicas & vivências grupais*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2000.

MORAIS, J. J. S., SANTOS C. M. L. dos, SOARES, T. A. S. *Ensino da contabilidade: uma análise crítica*. http://www.classecontabil.com.br/trabalhos/CC_Jassuipe_Ensino_Contabil.doc. Acessado em 10/12/2008.

NEGRA, C. A. N. Reflexões sobre os quatro pilares da educação no ensino superior de ciências contábeis. In. CONVENÇÃO DE CONTABILIDADE DE MINAS GERAIS, 9., 2003, Belo Horizonte. Anais da IV Convenção de Contabilidade de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2003. CD-ROM.

NÉRICI, I. G. *Introdução à didática geral*. Rio de Janeiro. RJ: Científica, 1997.

NÉRICI, I. G. *Educação e metodologia*. São Paulo: Pioneira, 1992.

NOSSA, V. Formação do Corpo Docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: Uma Análise Crítica. *Caderno de Estudos da FIPECAFI*, São Paulo: USP n. 21, mai.-ago., 1999.

PACHECO, J. A. et al., *Actas do IV Colóquio sobre questões curriculares – Políticas Curriculares*. Cied – Universidade do Minho, 2002.

REY, B. *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

ROLLO, L. F., PEREIRA, A. C.. Análise do processo educacional contábil sob o prisma de seus elementos de maior relevância. *Revista Brasileira de Contabilidade*. Brasília, nº 142, p. 49-57, julho/agosto, 2003.

SANTOS, R. V. dos, "Jogos de empresas" aplicados ao processo de ensino e aprendizagem de contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças - USP*, São Paulo, n. 31, p. 78 - 95, janeiro/abril 2003.

SANT'ANNA, F.M., ENRICONE, D., ANDRÉ, L.C, TURRA, C.M.G. *Planejamento de ensino e avaliação*. 11 ed. Porto Alegre: Sagra. 1992.

SAUAIA, A.C.A., Satisfação e aprendizagem em jogos de empresas; Contribuição para a educação gerencial: *Tese (Doutorado em Administração) – Dep. Administração da FEA/USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1995

SAWYER, A. J., TOMLINSON,S.R.; MAPLES, A.J., Developing essential skills through case study scenarios. *J. of Acc.* n.18, p. 257-282. 2000

SCHON, A.D. *Educando o profissional reflexivo: um novo desing para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SCHWEZ, N. Qualidade total no ensino de contabilidade. *Revista do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 83, v.24, p.31-6, outu/dez.1995.

SERRANO, C. M. L. *Educação ambiental e consumerismo em unidades de ensino fundamental de Viçosa-MG*, Viçosa: UFV, 2003, 91p. Dissertação (Mestrado).

SILVA, A. C. R. da. Mudanças de Paradigma no Ensino da Contabilidade. *Revista Contabilidade e Informação*, Ijuí: UNIJUÍ n. 10, jul.-set., 2001.

SINGER, L. J. WEISSMAN, J. *Action Process Teaching: A Multidimensional, Experiential, Learning Approach*. Source: *The Family Coordinator*, Vol. 23, No. 2 (Apr., 1974), pp. 115-122 Published by: National Council on Family Relations Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/581708> Accessed: 29/11/2008 03:54.

SOUZA, M.B., ORTIZ, H. C., A estrutura básica para o ensino superior de contabilidade. In *Didática do ensino da contabilidade*. Org. Ivam Ricardo Peleias. Ed Saraiva, 2006. São Paulo. p. 149, 2006.

TALLANTYRE, F. Entreprise in higher education. *Bulletin of teacing and learning*, 2, 3-5 1989.

TANABE, M. *Jogos de empresas*. Dissertação (Mestrado em Administração) Departamento de Administração da FEA/USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

TRIGUEIRO, M. G. S. A avaliação institucional nas universidades brasileiras: diagnóstico e perspectivas. In: *63ª Reunião Plenária do CRUB*, Recife, 1998, 100 p.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em:<<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp>>. Acesso em:18/01/2009

VASCONCELOS, M. L. M. C. *A formação do professor do terceiro grau*. São Paulo: Pioneira, 1996.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APENDICE A

Carta de apresentação

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UERJ

FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS – FAF

MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2009.

Ao Chefe do Departamento de Administração.

Prezado Senhor,

A Área de Pesquisa em Contabilidade e Controle Gerencial do programa de Mestrado em Ciências Contábeis da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ está desenvolvendo uma pesquisas sobre Ensino e Educação abordando a disciplina “Prática Contábil” no curso de Graduação em Ciências Contábeis”.

A nossa aluna do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis, Maria Auxiliadora da Silva, está engajada nesta pesquisa para a elaboração de sua dissertação de mestrado, que procura analisar, segundo percepção dos discentes, a disciplina Prática Contábil. O propósito desta pesquisa será determinar os benefícios da pedagogia experiencial e identificar o papel dos docentes e dos recursos educacionais.

Solicitamos, assim, a colaboração de V. S.^a para esse estudo, no sentido de conceder-nos acesso às informações necessárias para a elaboração da referida dissertação, através de entrevista pessoal com alunos e ex-alunos da instituição. As respostas e entrevistas As respostas das entrevistas serão analisadas em caráter confidencial, os resultados serão apresentados de forma agregada, de maneira a tornar impossível identificar as respostas individuais e serão utilizadas apenas com o propósito de pesquisa. Este estudo se reveste da maior importância para o nosso Programa de Pesquisa, tendo em vista o pouco conhecimento sobre assunto de tal magnitude, notado no cenário acadêmico brasileiro.

Atenciosamente,

Prof. DR. Frederico Antonio de Azevedo Carvalho
Orientador do Mestrado de Ciências Contábeis da UERJ

APENDICE B

ROTEIRO DA ENTREVISTA

DATA DA ENTREVISTA

ENTREVISTADOR

OCUPAÇÃO ATUAL DO ENTREVISTADO

EXPECTATIVAS:

01. Quais eram suas expectativas ao se inscrever na disciplina Práticas Contábeis do 6º período no ano de 2007?

02. Suas expectativas foram alcançadas?

DIDÁTICA

03. A maneira de o professor ensinar facilitou a recepção do conhecimento?

04. As condições criadas pelo professor para ensinar influenciaram na aprendizagem do conhecimento técnico especializado da área contábil?

05. A forma de ensinar tornou o aprendizado mais interessante e desafiador?

06. Os materiais (planilhas e formulários contábeis, recursos de mídia) utilizados pelo professor foram apropriados para desenvolver sua aprendizagem? E suas habilidades na solução de problemas?

07. A situação de aprendizagem criada pelo professor propiciou conhecimentos, destreza e atitudes que você não possuía antes de cursar a disciplina?

EQUIPAMENTOS

08. Você já tinha alguma experiência com o software de contabilidade utilizado na disciplina?

09. O ambiente do laboratório propiciou um clima estimulante para o desenvolvimento da disciplina?

10. A utilização de modernos recursos de mídia proporcionou-lhe uma percepção mais realista sobre requisitos necessários para seu sucesso profissional

11. Cite dois benefícios significantes que a utilização de software de contabilidade lhe proporcionou.

12. Cite duas desvantagens significantes que a utilização de software de contabilidade acarretou.

ORGANIZAÇÃO

13. A carga horária oferecida nesta disciplina foi de 60 horas. Esta carga horária foi suficiente para alcançar os objetivos do curso?

14. A carga horária oferecida pela disciplina foi suficiente para garantir a assimilação dos conteúdos?

15. O conteúdo da disciplina foi apresentado segundo uma sequência lógica?

16. O conteúdo da disciplina confirmou (reforçou) suas experiências pessoais?

17. O conteúdo ministrado na disciplina reforçou o conhecimento transmitido pelas disciplinas de outras áreas?

18. Uma vez que os conhecimentos, sobretudo os científicos, evoluem rapidamente, o conteúdo da disciplina foi adequadamente atualizado?

19. A disposição dos equipamentos no laboratório estava adequada?

PERFÍL DO PROFESSOR DA DISCIPLINA PRÁTICAS CONTÁBEIS

20. A experiência do professor no mercado de trabalho foi essencial?

21. A mentalidade do professor era contemporânea e esteve relacionada com a dinâmica empresarial?

22. Quais as características do professor que você mais valoriza?

RESULTADO/BENEFÍCIO

23. Os recursos tecnológicos - por exemplo, quadro branco, computador, internet, software de contabilidade - facilitaram o seu aprendizado?

24. A utilização de software de contabilidade desenvolveu em você competência, criatividade e habilidades que não possuía?

25. A utilização de software de contabilidade promoveu melhoria na competência, criatividade e habilidades já existentes?

26. O ensino - conforme o professor da disciplina organizou - resultou em você mudança de comportamento com relação ao curso (de graduação em Ciências Contábeis)?

27. Os problemas e situações simulados na disciplina estimularam sua reflexão, sua capacidade de pensar?
28. A disciplina proporcionou conhecimentos para acompanhar a evolução contábil no âmbito profissional?
29. As atividades desenvolvidas na disciplina ajudaram a compreender a importância dos princípios fundamentais na aplicação prática da Contabilidade?
30. O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver suas habilidades técnicas?
31. O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver sua capacidade crítica?
32. O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver sua potencialidade empreendedora?

ANEXO I

RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS

(Realizada transcrição literal e completa das respostas dos entrevistados)

EXPECTATIVAS

QUESTÃO 1 - Quais foram as suas expectativas ao se inscrever na disciplina Práticas contábeis no sexto período de 2007?

Entrevistado 1 - Aporte para realizar a prática contábil que comumente realiza-se na prática do cotidiano contábil. Aí aquilo que a gente vê na teoria como crédito e débito, fechamento de balanço que se aprende fazendo à mão serão utilizados no software específico.

QUESTÃO 2 - E as suas expectativas quanto a disciplina foram atendidas? Foram

Entrevistado 2 - Quando você se inscreveu na disciplina Prática Contábil no sexto período do ano de 2007, qual que era a sua expectativa?

Era conhecer o dia a dia do contador, o que ele faz, toda a estruturação contábil e aprender de fato a mexer com os programas da área contábil fugindo da teoria.. Fazer o cálculo do imposto que não vimos na teoria.

QUESTÃO 2 -E suas expectativas foram alcançadas?

Foram. Meus objetivos foram alcançados.

Entrevistado -3 - Quando você se inscreveu na disciplina Prática Contábil no sexto período do ano de 2007, qual que era a sua expectativa?

Prática da teoria do plano de contas, prática do lançamento. Usar o programa para conciliar a teoria com a prática porque uma coisa é a gente fazer manual, sempre fiz manual, no papel, outra coisa é a gente usar o computador para conciliar com a contabilidade.

QUESTÃO 2 -E suas expectativas foram alcançadas?

Sim.

Foram. E eu gostaria que tivesse essa disciplina em todos os períodos.

Entrevistado 4 - Quando você se inscreveu na disciplina prática de ciências Contábeis no sexto período de 2007, quais foram as suas expectativas?

Verificar se realmente aquilo que eu fazia de prática dentro do escritório era aquilo que aprendemos na teoria dentro das salas de aula da universidade. Eu acho que assim estaria fechando uma coisa com a outra.

QUESTÃO 2 - E essas expectativas suas foram atendidas?

Foram. Praticamente tudo. Tudo que eu tinha dúvida eu consegui tirar.

Entrevistado 5 - Quais foram as suas expectativas ao se inscrever na disciplina Prática contábil no sexto período de 2007?

Associar a prática à teoria contábil, que até então você ficava só na teoria. Eu nunca tinha pegado algo de verdade pra fazer, a expectativa é então uma preparação mais prática.

QUESTÃO 2 - E as suas expectativas quanto a disciplina foram atendidas?

Eu acho que sim, porque a gente conseguiu desenvolver um trabalho legal.

Entrevistado 6 - Quando você se inscreveu na disciplina, quais eram as suas expectativas? É na disciplina práticas contábeis?

Seria verificar o que, como seria trabalhado no programa computacional o que a gente fazia manuscrito. Como seria o tratamento de um programa trabalhando com e a parte contábil. E um pouco de prática mesmo.

QUESTÃO 2 - E você achou que as suas expectativas foram alcançadas no período da disciplina?

Com relação a disciplina sim, porque eu não tinha experiência antes com nenhum tipo de programa, porque o que pesou um pouquinho foi o próprio programa utilizado. Ele é um programa livre, método contábil, então deixou de ser explorado outras características que estão na prática mesmo, né? Como outros programas que hoje estão sendo utilizados. Mas, com relação, mesmo assim, com o programa deu pra ver como seria a operacionalização das operações além do processo de um escritório, né? Porque não o programa, como foi trabalhado também, trazendo prática, outra documentação, formulários, como seria montar uma empresa até o momento começar a operacionalizar. Então essa parte não depende muito do programa então é onde também contribuiu a disciplina.

DIDÁTICA

QUESTÃO 3 - E a maneira de o professor ensinar, facilitou a recepção do conhecimento?

1 - Tinha aula expositiva na sala de aula e aula prática no laboratório. Eu acho que deveria ter apenas aula prática, sendo a teórica feita também eletronicamente no laboratório, porque muitas vezes na aula teórica você fica disperso porque muitas vezes o conteúdo colocado nas aulas teóricas demoravam a ser dados nas aulas práticas ocasionando uma divisão da turma pois alguns alunos lembravam do conteúdo e outros não atrapalhando o andamento da aula e com isso acabava perdendo a sequencia. Então, muitos conteúdos como os de folha de pagamento, contrato etc, talvez se fosse construído juntamente com o professor diretamente no computador acrescentaria muito mais do que as aulas teóricas em sala de aula. Visto que o aluno de graduação no curso noturno está cansado pelo fato de ter trabalhado durante o dia, não tendo a mesma atenção. Então eu acho que a teoria e prática realizadas em conjunto é melhor do que aulas teóricas intercaladas com a prática.

2 - E a maneira de o professor ensinar, facilitou a recepção do conhecimento?

Sim, não só o professor como também a infra-estrutura das salas da UFV. O programa foi bem fácil e a didática também ajudou e facilitou a metodologia.

3 - E a maneira de o professor ensinar, facilitou a recepção do conhecimento?

Sim, principalmente porque os lançamentos eram colocados no quadro a seguir o professor falava sobre os formulários, por exemplo, o formulário de recolhimento do INSS, e a instrução de como preenchê-lo e contabilizá-lo no sistema. Desta maneira unindo a teoria à prática e a realidade. Eu achava interessante ter a teoria em sala de aula e logo em seguida a aplicação no laboratório.

4 - E a maneira de o professor ensinar, facilitou sua aprendizagem?

Acho que na parte de prática sim, porque não ficou muito preso à parte teórica.

5 - E a maneira do professor ensinar, facilitou a recepção do conhecimento?

A maneira, a didática utilizada foi boa. A gente discutia os assuntos, contextualizava, O professor tinha experiência na área, e eu acho que isso permitiu ser uma disciplina satisfatória.

6 - E a maneira do professor ensinar, facilitou a recepção do conhecimento?

Sim, porque foi trabalhando sempre primeiro a teoria, tal como a legislação determina e depois era trabalhado na prática tudo que foi visto.

QUESTÃO 4 - As condições criadas pelo professor para ensinar influenciaram na aprendizagem do conhecimento técnico especializado da área contábil?

1 - sim.

2 - O programa era fácil, a didática e a metodologia utilizadas na simulação de uma empresa tornou o ensino mais desafiador.

3 – Foi bom porque na pratica fizemos a simulação das atividade que iam desde a abertura da empresa, até o fechamento do balanço, dando uma visão geral de uma contabilidade da empresa.

4 – Sim.

5 – Sim.

6 – Sim foi satisfatório principalmente na parte prática por associar a teoria à prática.

QUESTÃO 5 - E a forma de ensinar? Ela tornou seu aprendizado mais desafiador?

1 - Principalmente na parte prática.

2 - Sim, pois o programa era fácil, a didática e a metodologia utilizadas na simulação de uma empresa tornou-se o ensino mais desafiador.

3 - Muito, igual te falei, esta disciplina deveria ser dada em todos os períodos.

4 - Foi, foi legal. Foram criados grupos, para simular a criação de empresas. Foi trabalhado toda a parte de abertura da empresa, do momento do lançamento do capital até o fechamento do balanço, dando uma visão geral do que é a contabilidade da empresa.

5 - A maneira e a didática utilizadas pelo professor foram boas. Discutíamos os assuntos, contextualizava o que permitiu ser ter uma recepção satisfatória do conhecimento, além da experiência do professor.

6 – Sim. A forma utilizada de conciliar uma aula teórica como uma prática contribuiu.

QUESTÃO 6 - Os materiais foram apropriados para desenvolver sua aprendizagem? E suas habilidades na solução de problemas?

1 – a) Todos os materiais que eu vi no estágio são os mesmos utilizados na disciplina prática. Infelizmente o programa *FREE* contábil era muito ruim em comparação com o programa *MASTERMAQ* que é o mais utilizado na região de Viçosa. Ao efetuar lançamentos no programa *FREE* contábil ocorria muitos erros.

1 – b) Quanto às habilidades na solução de problemas eu acho que sim, porque no contexto teórico da prática, às vezes você depara com algumas situações que não estão previstas.

2 – a) Eu acredito que sim, tanto a maneira do professor quanto a infra-estrutura do laboratório contribuíram para a recepção do conhecimento. Durante a gestão da disciplina criamos uma pasta com toda a documentação que foi produzida no decorrer das aulas.

2 – b) Sim.

3 – a) Sim e eu acho que deveria ser assim, porém deveria ter uma disciplina de iniciação do sistema de contabilidade para aprender sobre os ícones do programa tais como o que visualiza balanço e a contabilidade, em fim como é o sistema e o que ele faz. Ter uma introdução do sistema para depois praticar os lançamentos. Isto porque muitos alunos já haviam feito a disciplina sobre sistema, e outros alunos estágio, ao passo que eu era a primeira vez que trabalhava com o sistema. Então até aprender o ritmo de um sistema prejudicou a minha assimilação.

3 – b) Sim.

4 - a) Eu acredito que os materiais, de forma geral foram, porém o programa não contribuiu muito, porque ele era um programa *free* e de difícil visualização do balanço fechado ou do erro dos lançamentos cometidos pelo aluno. Ele é um programa que não dá visualização imediata do erro.

4 – b) Sim. Porque quando você não consegue identificar o erro você tem que verificar todos os lançamentos e assim encontra outra forma de visualizar o erro verificando o porque está errado. Agora quando você consegue visualizar o erro é possível pensar outra forma de resolver o caso, pois para saber onde estava errado você tem que saber se é um lançamento ativo ou um lançamento passivo.

5 – a) Eu acho que o programa utilizado aqui na UFV não é um programa muito utilizado na contabilidade utilizados nos escritórios, nos estágios. Os mais utilizados são o *MÁSTERMAQ*. Se tivesse então um desses programas aqui, seria bem melhor.

5 – b) Eu acho que contribuiu pra desenvolver as minhas habilidades. Nos órgãos e suas funções, principalmente pra quem vai trabalhar com isso.

6 – a) Sim. Os formulários contribuíram como eu havia falado, pois por meio deles foi que ocorreu a materialização daquilo que era visto na teoria. O que dificultou foi o próprio programa utilizado. Ele é um programa livre, deixando de ser explorado outras características da prática, como em outros programas que hoje estão sendo utilizados.

6 – b) Sim. Mesmo com o programa livre, deu para ver como seria a operacionalização das operações, além de um processo de escritório. Como também foi trabalhado a prática trazendo outras documentações, formulários e simulação de como montar uma empresa desde sua criação até o momento de começar a operacionalizar. Como essa parte não depende muito do programa então é onde também contribuiu a disciplina.

QUESTÃO 7 - A situação de aprendizagem criada pelo professor propiciou conhecimentos, destreza e atitudes que você não possuía antes de cursar a disciplina?

1 – Sim. Vimos a própria rotina da contabilidade e principalmente na questão de recolhimento de tributos.

2 – Com certeza. Era um outro universo, pois o curso não é voltado para prática, é mais teoria e no dia a dia da disciplina prática deu para melhorar bastante o conhecimento.

3 – Com certeza. Foi a única vez que eu fiz a prática de fato durante os cinco anos de curso. Os materiais elaborados eu faço uso dos mesmos até hoje.

4 – Confirmou sim. Tirei dúvidas e foi uma experiência boa por ter utilizado outro programa diferente do que eu já estava acostumada a trabalhar. Aumentou o meu conhecimento quanto ao programa e lançamentos.

5 – Sim. Ajudou e contribuiu para desenvolver para desenvolver minhas habilidades, conhecer os órgãos responsáveis pela emissão dos documentos. Ao trabalhar nesta parte a disciplina contribuiu.

6 – Bem, de certa forma foi tudo válido. A forma de trabalhar com o grupo menor fez com que houvesse maior interação. Pois se fosse dividir a turma para os computadores possivelmente a aprendizagem não seria tão proveitosa. Assim a eficiência foi maior pelo fato de trabalhar com grupos menores e a interação entre as pessoas foi maior.

EQUIPAMENTOS

QUESTÃO 8 - Você já tinha alguma experiência com o software de contabilidade?

1 – Sim. No estágio que eu fiz conheci o *MASTERMAQ*.

2 – Já tinha trabalhado com outros programas.

3 – Não. Meus estágios foram na área de administrativo, nada a ver com software de contabilidade.

4 – Sim. o *MASTERMAQ*.

5 – Não tinha nenhuma experiência. Comecei a ter noções do que é prática a partir da disciplina.

6 – Não tinha nenhuma experiência com o programa.

QUESTÃO 9 – E o ambiente do laboratório proporcionou um clima estimulante para o desenvolvimento da disciplina?

1 – Sim. Esta é uma coisa que temos que agradecer à universidade. Tínhamos bons computadores, máquinas para todos os alunos, ar condicionado. Isso aí ajudou bastante.

2 – Bom e agradável, favoreceu o máximo possível. Sim. Apesar de uma cabine ser ao lado da outra, eu acho que até que foi bom pois assim um ajudava o outro, ajuda a desenvolver no mesmo caminho. Porque um professor pra 25 alunos é pouco.

3 – Não porque a internet ficava disponível e alguns colegas de curso entravam na internet, MSN, Orkut. Portanto acho que no horário da aula o computador teria que ser restrito para acessar somente o programa da disciplina prática contábil. Quando algum colega utilizava a internet MSN, Orkut acabava perturbando a concentração de quem estava acompanhando as explicações da aula.

4 – Proporcionou porque na prática simulando a contabilidade é mais interessante do que ficar na sala de aula fazendo lançamentos manuais. No software consegue-se ter uma visão melhor de como este trabalho foi feito.

5 – O ambiente do laboratório era legal, o espaço era pequeno, deveria ser maior para evitando a divisão da turma.

6 – Sim, porque o ambiente de laboratório assemelha-se com o profissional aproximando-se mais da realidade.

QUESTÃO 10 - Você acha que a utilização desses recursos de mídia trouxe uma percepção mais realista sobre requisitos necessários para seu sucesso profissional?

1 - Sim, com certeza. Como eu sai direto pro mestrado, mas se caso eu fosse sair pro campo, em comparação aos outros alunos que só tem o estágio, a prática, me possibilitou realizar as tarefas, e se eu for trabalhar eu não fico atrás. Algumas coisas eu fiz na prática até mesmo os impostos de renda.

2 - Sim, eu não estava acostumado a fazer cálculo de imposto porque a gente fazia na mão, eu só esta acostumado a lançar nota fiscal.

3 – Sim. Houve essa percepção para trabalhar na área. Na minha área hoje foi uma grande ajuda.

4 – Facilitou.

5 - Dentro do laboratório é que você começa a entender o que é a prática, mas eu acho que é no estágio que a gente aprende mesmo, você enfrenta os problemas com terceiros o que na sala de aula não aparece. Na realidade você vai mexer, com as pessoas que tem que te passar os dados, a documentação. Na disciplina prática você não vê esta realidade que existe dentro do escritório.

6 – Sim. Porque trabalhou desde o começo de como se abre uma empresa, lançamentos, folha de pagamento, elaboração de contrato simulando como se os alunos fossem sócios da empresa. Então houve uma visualização.

QUESTÃO 11 - Cite dois benefícios significantes que lhe foram trazidos pela utilização do software de contabilidade.

1 - Pode ser Conhecimento do plano de contas, como é realizado o plano de contas de uma empresa e eu acho que por meio do software também você fica mais hábil na questão de lançamentos, você tem mais conhecimento de débito crédito, conhecimento de receita e contas patrimoniais, porque você tem uma visualização melhor no software porque você lança e já vê qual demonstrativo você quer analisar. Então eu acho que isso aí dá um ganho de conhecimento.

2 - Bom, o benefício que eu vejo é o conhecimento do aplicativo, qual documento lançar, como fazer os lançamentos contábeis de todos os documentos, como escriturar, como fazer o histórico. E facilita o trabalho do contador.

3 - A agilidade, para efetuar os lançamentos, tomar uma decisão mais precisa em relação aos grupos de conta igual hoje, eu sei quando uma empresa não está pagando o INSS, o software facilita a agilidade para tomada de decisão, ao passo que fazer manualmente e ter que ficar relendo é muito mais trabalhoso; basta clicar no ícone diário e ele já mostra todos os lançamentos.

4 - Conhecer o software, poder diferenciar um do outro, e ver que isso não interfere no sentido contábil. Entender também que apesar de lançar de formas diferentes não ocorrerá interferência no resultado final da contabilidade.

5 - O conhecimento do software me ajudou, apesar da diferença mínima que existe entre ele e os outros, mas eu aprendi bem com ele, depois eu fui adequando as diferenças. E também sair do papel e saber como funciona o sistema.

6 - Praticidade e habilidade. Habilidade tanto no sentido de trabalhar, entender e de saber o que está por trás do resultado que você está gerando.

QUESTÃO – 12 DESVANTAGENS

1 – A utilização do software torna o trabalho mecânico, como por exemplo você tem o lançamento de caixa e está debitando porque é compra e creditando porque é venda. Eu acho que vai mais automaticamente do que o entendimento do lançamento que você está realizando, que muitas vezes tem que acrescentar outras variáveis, mas você não coloca por causa dessa mecanicidade que você adquiriu.

2 - Eu não vejo nenhuma desvantagem não. Hoje em dia tudo está ficando informatizado mesmo, isso facilita muito o trabalho do contador.

3 - O ruim os lançamentos são feitos mecanicamente e não é só o contador que saberia lidar com o programa. Outro profissional estudasse um pouco sobre o programa conseguiria efetuar o lançamento. O programa é muito prático, e é muito mecânico não precisando de conhecimento contábil para trabalhar com ele. Outro profissional como, por exemplo, na empresa júnior um estudante de Engenharia Ambiental é quem que fazia esses lançamentos.

4 - Desvantagem eu acho que não tem desvantagem. Porque qualquer coisa que você aprende acaba sendo vantajoso, porque em qualquer lugar que você for trabalhar depois você vai precisar desse software. E ter essa oportunidade de trabalhar com ele saber como ele funciona você tem esse fato como vantagem.

5 – Deveria ter usado outro programa, um mais utilizado nos escritórios da região.

6 - Uma desvantagem é o porque trabalho fica muito mecânico, isto é, tem que estar sempre atento para não fazê-lo mecanicamente, pois tem que ter a dinâmica dos princípios contábeis que devem ser empregados. Você pode correr o risco de se perder. E outra desvantagem? É o próprio programa são as limitações que ele tem por ser um programa *free*.

ORGANIZAÇÃO

QUESTÃO 13 – A carga horária oferecida nesta disciplina foi de 60 horas. Esta carga horária foi suficiente para alcançar os objetivos do curso?

1 – Não. Deveria ser dada em dois períodos e não apenas em um, uma vez que o conteúdo da disciplina é muito e o rendimento das aulas ficou prejudicado. Sugiro que no primeiro período poderia tratar da estrutura da empresa e alguns lançamentos primordiais e o segundo período a parte mais avançada ensinar como gera o simples, gera boleto, como cadastrar a empresa no simples, no lucro presumido, no próprio lucro real que é uma coisa mais complexa. Acredito que inserindo essas variações tributação-empresa, teria um ganho maior a disciplina. Mas aí tem que ter o tempo, que inclui esse outro período, e o aluno teria continuidade da sua experiência. Dois períodos seria o ideal.

2 – Foi possível ter uma noção básica do que é a escrituração contábil no dia a dia de um escritório.

3 – Não, muito pouco. A prática tem que ser colocada desde o primeiro dia de aula.

4 – Se ela for disponível apenas para uma turma pequena, pode ser. No entanto se a turma for dividida em função do número de computador como aconteceu, esta carga horária torna-se insuficiente.

5 – Eu acho que é suficiente. Porém como o laboratório era pequeno houve um pouco de tumulto.

6 – Como o curso é de quatro anos, acho que foi insuficiente um semestre apenas. Deveria ter explorado e aprofundado assuntos mais específicos de forma a alinhar a teoria com a prática. Em função da necessidade de dividir a turma, devido ao número de computador, não contribuiu. Deveria ter um tempo maior.

QUESTÃO 14 – A carga horária oferecida pela disciplina foi suficiente para garantir a assimilação dos conteúdos?

1 – Dá para assimilar o conteúdo, porém quem vem sem alguma experiência prática anterior de um estágio ou trabalho vai ter mais dificuldades, porque é muita informação. Abrange desde os lançamentos contábeis

2 – Deu sim para ter uma noção básica do que é a escrituração contábil, mas exige um aprofundamento muito maior por causa das leis que mudam sempre. No dia a dia de um escritório tem um aprofundamento muito maior, como exemplo tem a legislação do ICMS que cada estado tem a sua. A disciplina contribuiu bastante para a parte da escrituração.

3 - Não, muito pouco.

4 – Não, pelo fato de ter dividido a carga horária em função da quantidade de computador disponível para o número de alunos o tempo foi insuficiente para encerrar todos os lançamentos, fechar o balanço e ver a contabilidade completa. Mas se for com a carga horária completa eu acho que pode ser possível.

5 - Acho que sim. Para o aluno que está interessado e quer desenvolver.

6 – Eu acho que foi insuficiente para garantir a assimilação de todo o conteúdo.

QUESTÃO – 15 - O conteúdo da disciplina foi apresentado segundo uma sequência lógica?

1 – Olha, acho que foi apresentado sim. Foi desde a constituição da empresa aos lançamentos de rotina.

2 – Sim. O conteúdo desenvolvido abrangeu desde o início da abertura da empresa até alguns lançamentos complexos.

3 - Com certeza. Teve início com a abertura da empresa, escrituração, simulação de compra de materiais, vendas, pagamento de impostos e pagamento de funcionários tudo em sequência.

4 – Foi

5 - Olha, acho que foi apresentado sim. Foi desde a estruturação da empresa e depois os outros conteúdos que seguiam, até a parte pratica do escritório.

6 - Sim, quando propôs a elaboração do contrato da empresa até poder operacionaliza-lá e o encerramento dos lançamentos. Então seguiu a própria sequência de abertura de uma empresa, numa sequência lógica.

QUESTÃO 16 - E o conteúdo da disciplina confirmou (reforçou) suas experiências pessoais?

- 1 - Então, como já relatei me ajudou a desenvolver no estágio.
- 2 - Sim, eu digo que até do lado da formação acadêmica tem outra visão além da teoria do dia a dia que você vê em outras disciplinas.
- 3 - Ele melhorou, pelo fato de eu não ter experiência, então melhorou minha percepção em relação aos lançamentos, isso já foi uma grande contribuição.
- 4 - Proporcionou.
- 5 - Do que eu já tinha estudado, confirmou sim.
- 6 - Sim para organização e controle.

QUESTÃO 17 - E a disciplina possibilitou a visualizar a interdisciplinaridade entre as matérias?

- 1 - De certa forma eu vi, pois quando você está constituindo uma empresa relaciona a contabilidade básica, a teoria da contabilidade, contabilidade de custo e contabilidade gerencial. São vários conteúdos comungados na própria constituição da empresa, pois está relacionado com finanças, estrutura de capital e indicadores financeiros. Dá uma visão interna e externa para avaliação do mercado.
- 2 - Sim.
- 3 - Sim. Eu havia feito apenas uma disciplina de contabilidade por ter sido matriculada na grade antiga, então esta disciplina contribuiu na área de contabilidade tributária, recolhimento de impostos como INSS, FGTS conteúdos que eu nunca tinha visto pois era méis lançamentos de compra e venda..
- 4 - Sim. De algumas disciplinas como a de custo por que dá para visualizar as despesas e receitas conseguindo ver quanto teve de custo com funcionário na folha de pagamento, com mercadoria, custos gerais da empresa. O que leva a pensar no cálculo de custo do funcionário para a empresa embora a disciplina prática contábil não tenha trabalhado diretamente como calcular o custo, mas com o lançamento da folha de pagamento tem como fazer uma relação com a disciplina custo e conhecimento geral de lançamento da contabilidade comercial.
- 5 - Oh, eu acho que a parte contábil envolve muitas áreas e quando você associa a prática, você sempre busca algumas teorias, conhecimentos de outras áreas, até na área de informática de como operar o sistema, acho que associa assim.
- 6 - Em parte sim. A disciplina contabilidade tributária e outras. Tanto é que vi a importância da disciplina ser trabalhada com um sistema integrado.

QUESTÃO 18 - Uma vez que os conhecimentos, sobretudo os científicos evoluem rapidamente, o conteúdo da disciplina foi adequadamente atualizado?

1 - Olha, eu acho que todo o conteúdo ligado à disciplina prática estava atualizado.

2 – Sim. Com certeza.

3 – Em 2007 sim.

4 - Foi sim. ele estava dentro do conteúdo apresentado também dentro das outras disciplina. Ele não englobou, assim como nenhuma outra englobou, as novas leis. Mas a gente também não teve isso em nenhuma outra disciplina. Só no final do curso que o professores foram falando essa lei ta mudando, isso já se usa e etc., mas isso não foi apresentado em nenhuma disciplina.

5 - Eu acho que pra aquela época foi adequado.

6 - Sim.

QUESTÃO 19 – A disposição dos equipamentos no laboratório estava adequada?

1 – Sim. Apesar de uma cabine ser do lado da outra, Foi bom, pois assim um aluno ajudava o outro a desenvolver no mesmo ritmo. Porque um professor pra 25 alunos é pouco.

2 - Um ambiente muito bom, muito agradável, o que facilitou a assimilação do conteúdo.

3 – Sim. As cabines e os computadores estavam de frente para o quadro. Tinha um monitor bem grande na frente para acompanhar o professor. Não tinha ruído, tinha ar condicionado, estava tudo ordem.

4 - Ah, pra mim estava sim. Dois computadores próximos um do outro, onde os alunos podiam se comunicar tirando dúvidas e acompanhar melhor as explicações do professor.

5 - É, a disposição dos equipamentos dentro do espaço que tinha estava adequada.

6 – Sim. Foi um ambiente muito próximo da realidade de um escritório.

PERFIL DO PROFESSOR

QUESTÃO 20 – Experiência do professor

1 - Tem que ser, porque um professor que saiu da universidade e foi pro meio acadêmico, tende a levar suas aulas para teoria.

2 – Sim

3 – A experiência do professor na parte prática para lecionar esta disciplina é essencial. No meu entendimento ele busca na prática o mais próximo possível da

realidade para associar com o que tem na teoria. Para desenvolver o conhecimento prático o professor tem que ter uma visão de mercado com relação à rotina de um escritório, enquanto um professor exclusivamente acadêmico não vivenciou esta realidade.

5 - Eu acho que a experiência do professor no caso dessa disciplina é essencial. Porque essa disciplina tem o objetivo de chegar o mais perto da possível da prática de um escritório. Se o professor tiver ficado só no meio acadêmico, teórico, ele não vai ter a visão de um escritório de contabilidade. Eu acho que a visão de quem já esteve no mercado é essencial principalmente pra essa disciplina, porque senão ele não vai conseguir passar a prática com grande habilidade, porque ele nunca viveu ela e pode ficar viajando muito só na teoria.

6 - Ah sim, porque é a prática nada melhor do que ser ministrada por alguém que tenha realmente praticado no mercado.

QUESTÃO 21 – A mentalidade do professor era contemporânea e esteve relacionada com a dinâmica empresarial?

1 - Olha, como esse professor está vivenciando a rotina de um escritório de contabilidade, ele está estudando as leis, o programa de contabilidade que todo dia esta mudando. Conseqüentemente ele tem que se atualizar, porque a contabilidade é muito dinâmica.

2 – Sim

3 – Sim

4 – Sim

5 – Sim

6 – Sim

QUESTÃO 22 - Quais as características do professor que você mais valoriza?

1 - Ser atencioso e ter competência pra ministrar a disciplina, experiência dedicação e pertinência no desenvolvimento da matéria.

2 – A didática para ele passar o conteúdo de forma fácil para que o aluno possa tirar o máximo de proveito.

3 – O bom professor deve exemplificar sempre. O professor deve trazer exemplo, fazendo um paralelo do passado com o que está acontecendo na atualidade é importante. Ser sempre atualizado e passar estas atualizações para o aluno, seguir o cronograma de aula e ter pontualidade. Eu gosto muito da pontualidade.

4 - Pra mim, o professor deve ser dedicado, cumprindo com seu papel de ensinar com serenidade. Estar atento às dúvidas dos alunos tentar solucioná-las. Como o perfil dos alunos de ciências contábeis é de quem trabalha o dia todo, o professor

precisa estar sempre estimulando-os. Então assim, eu considero as características do professor nesse sentido, não só chegar lá e passar a matéria, indicar páginas do livro e mandar você fazer em casa. Se fosse pra fazer sozinho, não precisaria de faculdade. O professor precisa estar ali para tirar dúvidas. Muitas vezes ele tem uma grade com uma quantidade de matérias e livros pra ser dado naquele período, naquela disciplina e quando ele não consegue passar o conhecimento ele começa a enrolar prejudicando o aluno, que não vai entender. Quando ele volta e começa do início ele consegue levar a turma toda num ritmo melhor. As vezes se ele demorar um pouquinho mais de tempo no conteúdo, ele vai conseguir passar melhor e o aluno entender melhor. É preciso que tenha sensibilidade para com o aluno que esta levando a sério e se o mesmo estiver perguntando, o professor deve acompanhar e estimular para que ele entenda e leve-o a refletir sobre a importância do conhecimento lá mais na frente.

5 – Saber passar o conhecimento e exemplificar.

6 - Objetividade na hora de explicar, contextualizar com exemplos do dia a dia de uma empresa e ser flexível.

RESULTADO/BENEFÍCIOS

QUESTÃO 23 – Os recursos tecnológicos – por exemplo, quadro branco, computador, internet, software de contabilidade – facilitaram o seu aprendizado?

1 – O programa utilizado na disciplina era muito ruim, no entanto ele permite efetuar um numero maior de lançamentos dando uma visão melhor do que é débito e crédito. Por meio dele é possível visualizar e analisar melhor os demonstrativos financeiros.

2 - Eu acredito que sim, pois no final nos criamos uma pasta com toda a documentação que foi produzida durante as aulas.

3 – Sim. Como eu não conhecia nenhum software tive a oportunidade de ver e conhecer, entrar neste universo contábil.

4 - Eu acredito que sim. O programa que foi utilizado é o que não contribuiu muito. Ter a internet disponível para o aluno ajuda muito. Não só na parte da disciplina prática como também para pesquisar e tirar algumas dúvidas

5 – Os equipamentos utilizados estavam satisfatório só o programa que não. Mas mesmo assim depois que conheci o programa *MASTERMAQ* vi que não tinha muita diferente.

6 – Os formulários utilizados na disciplina materializaram o que nós vimos na teoria, a crítica é com relação ao programa que foi utilizado. Hoje na contabilidade já trabalha com os programas integrados e como na disciplina o programa não era integrado não foi possível fazer a interação dos lançamentos. Utilizamos formulários antigos para elaborar a folha de pagamento manualmente para depois efetuar o lançamento no programa de contabilidade. Com o programa integrado faríamos todo

o processo desde o específico como o de folha de pagamento como também o de contabilidade.

QUESTÃO 24 – A utilização de software de contabilidade desenvolveu em você competência, criatividade e habilidades que não possuía?

1 – De certa forma sim, porque o software apesar de não ter aquela qualidade ele te demonstra o plano de contas, as formas de como alocar, de como são feitos os lançamentos, e a estrutura empresarial. A disciplina pratica possibilitou contato com certos aspectos da realidade de um escritório que eu não conhecia.

2 – Sim, eu não estava acostumado com a rotatividade de cálculo de imposto, pois eu só tinha a experiência de fazer lançamento fiscal.

3 – Ele me proporcionou tornar prática a teoria, comecei a desenvolver e a fazer lançamentos no programa em fim tive a visão de uma empresa no todo. A criatividade não, por ter ficado só esse período e o tempo não colaborou e então eu só fui usá-la agora, depois que formei. Mas na habilidade sim.

4 – Confirmaram algumas coisas que eu já sabia, quanto ao lançamento eu tirei dúvidas, pois eu tinha experiência apenas com empresas SIMPLES, sendo que no laboratório trabalhamos com empresa Lucro Real e Lucro Presumido. Foi uma experiência boa por que utilizei outro programa diferente daquele que eu estava acostumada a trabalhar, mas que era na verdade a mesma coisa na contabilidade.

5 – Sim. Com certeza

6 - Como eu não tinha nenhuma experiência antes, nenhum contato com nenhum sistema antes, então depois da disciplina houve agregação de conhecimento.

QUESTÃO 25 - A utilização de software de contabilidade promoveu melhoria na competência, criatividade e habilidades já existentes?

1 - Sim.

2 - Sim, mesmo tendo experiência. A troca de conhecimentos entre os colegas durante as aulas, em um ajudava o outro no aplicativo, onde as dificuldades variavam de aluno para aluno quando um tinha dificuldade o outro podia ajudar, então de alguma maneira estávamos sempre aprendendo.

3 – Eu não tinha prática antes.

4 - Eu já tinha habilidades, mas sempre há dúvidas e você aprende sempre algo novo.

5 – Não tinha experiência antes.

6 – Não tinha experiência antes. Fiz um estágio com o programa *MASTERMAQ* e percebi que o ambiente já me era familiar quanto ao programa.

QUESTÃO 26 – O ensino, conforme o professor da disciplina organizou, resultou em você mudança de comportamento com relação ao curso (de graduação de graduação em Ciências Contábeis)?

1 - Algumas disciplinas ministradas após esta exigiam muitos lançamentos, pelo fato de ser um período que tem bastante prática contábil. Quando retomamos os lançamentos que fizemos na disciplina Prática Contábil percebi ter um conhecimento maior dos mesmos. Na disciplina de Contabilidade Gerencial que não é tão técnica, mas gerencial tive uma visão e compreensão geral de uma empresa. Acredito que a grande contribuição da disciplina prática foi a estrutura para compreender o que impacta macroeconomicamente uma empresa, portanto a prática foi importante posteriormente. Outra disciplina “Viabilidade Econômica” que tínhamos de construir um plano de negócio, DRE e o Balanço, a disciplina prática me deu este aporte. Os alunos dos cursos de Economia e de Administração que não cursaram esta disciplina prática, não tiveram um conhecimento mais profundo para elaborar os relatórios exigidos nesta disciplina.

2 - Sim

3 - Sim. Eu achava que a profissão do contador era mais complicada. Depois da disciplina percebi que com os sistemas de contabilidade é mais prático e fácil de ter toda a informação fiscal, contábil, tributária e recursos humanos.

4 – Sim. Durante o curso eu vi toda uma parte de ensino que não era a minha realidade de trabalho, então eu ficava me perguntando como eu aplico tudo isto no meu trabalho do dia a dia? Acho que o Curso de Ciências Contábeis está formando alunos não para ser apenas professor e pesquisador, não exatamente, mas também para um mercado de pequena empresa e escritório de contabilidade. Então a prática contábil nesse sentido me fez ver este aspecto, ela trouxe a possibilidade de ver exatamente o que você vai fazer enquanto contador, porque, por exemplo, você tem que saber fazer cálculo de uma rescisão de contrato, e não ter outra pessoa pra fazer isso para você. Me fez ver que realmente o contador precisa ter conhecimento de tudo.

5 – Por não ter nenhuma experiência prática minha expectativa quanto ao curso foi satisfatória. Porém quando fui para o mercado vi a burocracia da Receita Federal, o que na simulação dentro do laboratório não é possível vivenciar.

6 – Percebi que a profissão de contador não é tudo mil maravilhas, tal como eu tinha visão. Tem problemas, tem imperfeição no próprio sistema. Trabalhando com o programa de contabilidade fica mais mecanizado correndo o risco de não saber explicar o que estou fazendo. Como foi uma coisa nova então tive a iniciativa de buscar novas informações e ver como funcionam outros tipos de programas.

QUESTÃO 27 – Os problemas e situações simulados na disciplina estimularam sua reflexão, sua capacidade de pensar?

1 – Sim. Eu acho o trabalho do contador muito mecânico, eu gosto de ser instigado deve ser da minha personalidade.

2 - Com certeza, porque na vida de estudante a gente fica só na teoria, então esta disciplina trouxe a prática permitindo conhecer um pouco da realidade do dia a dia de um escritório contábil.

3 – Sim, vi que não precisa ficar presa em um escritório. Mas também dar consultoria, ensinar outras pessoas, abrir meus horizontes. Isso contribuiu, ajudou, fez a mudança.

4 - Exato ela ajudou a compreensão do que é a contabilidade no âmbito profissional, dando uma visão ampla da profissão.

5 - É, de certa forma estimula, porque quando você está trabalhando com a parte prática os lançamentos, você pensa nos princípios e na teoria estudada lá no início do curso compreendendo o porque dos princípios, pois percebe que se não aplicá-los fica mais fácil manipular os dados e também falsificá-los.

6 – Levou a pensar na dinâmica dos princípios fundamentais de contabilidade que estão relacionados com os lançamentos contábeis, pois temos que estar sempre atento aos mesmos.

QUESTÃO 28 - A disciplina proporcionou conhecimentos para acompanhar a evolução contábil no âmbito profissional?

1 – Sim. Que a contabilidade é um instrumento para tomar decisões, se ela fosse utilizada mais adequadamente teria mais eficiência nas pequenas e médias empresas.

2 – Sim. A contabilidade está mudando todo dia, e as leis, mas na época em que eu estava cursando a disciplina estava bem de acordo. Hoje já tem outras novidades como Nota Fiscal Eletrônica. Com certeza, na hora em que for lecionar essa disciplina, teria que passar estas e outras novas informações.

3 – Sim, porque até então eu não tinha aprendido nada da área tributária (INSS, FGTS etc.). Então, esta área contábil já melhorou muito.

4 – Sim, não só da contabilidade em geral, mas também de sua aplicação no mercado.

5 – A disciplina nos mostra quais os órgãos e legislação pertinente às informações. Percebi ao longo da disciplina que o profissional de contabilidade deve acompanhar dia a dia as informações e mudanças ocorridas na legislação.

6 – Eu acho que a forma de trabalhar em conjunto e de estar ali em equipe trabalhando e compartilhando informações nos leva a visualizar o meio profissional.

QUESTÃO 29 – As atividades desenvolvidas na disciplina ajudaram a compreender a importância dos princípios fundamentais na aplicação prática da contabilidade?

1 – Sim. Porque quando estou lançando fornecedor, avaliando o estoque pelo valor do fornecedor e que os mesmos serão pagos futuramente depois eu já penso logo na questão do regime de competência.

2 – Muito.

3 – Com certeza.

4 – Sim. Tem que observá-los o tempo todo para não cometer erros.

5 - Eu acho que é possível fazer uma associação dos princípios fundamentais, visualizar como realmente funciona na prática.

6 – Sim, desde o início da disciplina a intenção é de passar estes princípios que muitas vezes você não percebe. Eu procurei relacioná-los no decorrer do curso da disciplina.

QUESTÃO 30 – O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver suas habilidades técnicas?

1 – Sim, até mesmo no meu estágio quando fui obrigado a trabalhar sozinho pelo fato dos funcionários estarem ausentes, como eu tinha conhecimento da rotina de lançamento e apesar do programa ser diferente, quando fui realizar o trabalho não tive dificuldades na técnica. O problema da contabilidade foi resolvido.

2 – Sim, a experiência de um ajudar o outro e de estar próximos contribuiu.

3 – Eu não tinha habilidades técnicas, mas tive a oportunidade de adquirir. Comecei a fazer lançamentos, a ter uma visão de como é uma empresa no todo.

4 – Eu já tinha habilidades técnicas, mas sempre tenho dúvidas em alguma coisa.

5 – Sim, porque a única disciplina no curso que mexe realmente com o sistema contábil, sendo ela a parte mais técnica do lançamento. Então eu acho que deveria ter mais disciplinas trabalhando um pouco mais de técnica.

6 - Sim, porque estar no ambiente de laboratório em contato com o programa de contabilidade dá uma nova sensação e leva a questionar o porquê daquele processo todo dos programas. Foi um aprendizado novo e uma nova habilidade.

QUESTÃO 31 – O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver sua capacidade crítica?

1 – Sim, até porque eu não gostaria de sair da universidade e trabalhar em um escritório de contabilidade. Acho muito mecânico.

2 – Sim, com certeza. O grupo em que trabalhei acredito que já tinha uma bagagem boa, a disciplina estava de forma lógica, o que facilitou a aprendizagem do conhecimento.

3 – Sim, deu para entender as formas de como pode burlar, sonegar e praticar fraude.

4 – Sim, ajudou bastante não só na contabilidade propriamente dita, mas de toda parte contábil no geral. Foi possível ter uma noção melhor do que o curso de contabilidade e sua aplicação no mercado.

5 – À medida que você trabalha no sistema, você consegue associar a teoria com a prática e desta associação surgem novas idéias.

6 – Como efetuar os lançamentos no programa fica muito mecânico; deve-se ter cuidados ao fazer os lançamentos, pois tem que ter a dinâmica profissional. O uso de programa interligado junta todas as informações permitindo ter uma visualização melhor da contabilidade.

QUESTÃO 32 – O conhecimento adquirido na disciplina proporcionou oportunidade de desenvolver sua potencialidade empreendedora?

1 - Sim, eu não deixaria de trabalhar na área, lógico, mas acho muito mecânico o trabalho de um escritório, por isso que parti para a área acadêmica.

2 – Talvez sim, pois abre um leque para trabalhar diretamente no escritório de contabilidade pelo conhecimento adquirido.

3 – Não.

4 – Não.

5 – Eu acho que consegue pelo menos mostrar se você for trabalhar na contabilidade, como é e com que você vai trabalhar. Eu senti motivado, mas quando fui para a realidade do escritório de contabilidade de certa forma desmotivei-me. A burocracia que você enfrenta no escritório te desmotiva.

6 – Sim, querer buscar inovações para gerar informações com qualidades.